LINO ZOKENAZOKAE

HISTÓRIAS *HALITI*-PARESI ILUSTRADAS COMO PROPOSTA DE MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DA ESCOLA DA ALDEIA *KOLIDIKI*

Barra do Bugres-MT
2025

LINO ZOKENAZOKAE

HISTÓRIAS *HALITI*-PARESI ILUSTRADAS COMO PROPOSTA DE MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DA ESCOLA DA ALDEIA KOLIDIKI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz

Barra do Bugres-MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Z85h Zokenazokae, Lino.
HISTÓRIAS HALITI-PARESI ILUSTRADAS COMO PROPOSTA DE MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DA ESCOLA DA ALDEIA KOLIDIKI / Lino Zokenazokae. - Barra do Bugres, 2025.
146f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: Mônica Cidele da Cruz.

1. Língua Materna Haliti. 2. Ensino. 3. Narrativas. 4. Saberes Tradicionais. I. Cruz, Mônica Cidele da. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 376.74(=81/=82)

LINO ZOKENAZOKAE

HISTÓRIAS *HALITI*-PARESI ILUSTRADAS COMO PROPOSTA DE MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DA ESCOLA DA ALDEIA *KOLIDIKI*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ.
Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado (a) em 25 de junho de 2025.

gov.br Documento assinado digitalmente
MONICA CIDELE DA CRUZ
Data: 25/06/2025 20:30:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz Orientadora (UNEMAT/PPGECII)

gov.br Documento assinado digitalmente
VALERIA FARIA CARDOSO
Data: 27/06/2025 20:01:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Valéria Faria Cardoso Examinadora Interna (UNEMAT/PPGECII)

gov.br Documento assinado digitalmente
HELLEN CRISTINA DE SOUZA
Data: 27/06/2025 13:44:48-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Hellen Cristina de Souza Examinadora Externa (SEDUC)

gov.br Documento assinado digitalmente
LUCIANE SILVA DE SOUZA
Data: 29/06/2025 23:55:04-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Luciane Silva de Souza

Examinadora Externa - Universidade Federal do Tocantins (UFT)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a *Enore* (Deus) por estar comigo nesta caminhada.

Registro, aqui, a minha gratidão pela minha família, esposa Patrícia Kezonazokero e meus filhos: Gabriel Zokizakaece, Ana Gabrielly Zanezokero, Zoke Cristian Zokenazokae e Laís Gabrieli Kezonazokero.

Minha gratidão a minha mãe Rosangela Zanezokero, aos meus irmãos Gelson Zezokiwe, Rosineide, Gefferson Ezonezokemaece e Rodinei Zoloizokie.

Ao meu tio Ângelo Kezomae, à comunidade Kolidiki, e a minha orientadora Mônica Cidele da Cruz, por ter me apoiado em cada espaço.

Agradeço, também, a minha comunidade, por ter aceitado desenvolver comigo este trabalho, pelo espaço para apresentação do projeto e colaboração durante a pesquisa na aldeia e no contexto da educação escolar.

Agradeço, também, aos anciãos e anciãs, que contribuíram com seus conhecimentos para a minha pesquisa. Cada passo da pesquisa é um avanço, ouvir anciãs e anciãos, registrar o momento e depois registrar por meio da escrita, em língua materna, nossos conhecimentos tradicionais é uma das formas de valorizar e fortalecer nossa educação tradicional.

Agradeço, aos meus alunos e alunas, principais personagens desse processo de pesquisa e de ensino.

EHOHITSAKWANE TAHI

Eye hateniti, kahotikitsaka zazalitsati naho:Zoatyakiye Zakotinae zoaha eye “ Emainikene Wenati tahi , nahotikitsa zalakakwa Haliti zakaehakalanae enomakahare, hoka eye zahekore kaomakehenere zoimana kahinyaetya maheta, wiyaotyakitsakalanae ako, matsakare widyae yene maniya . Eye zakaehakerenae konita, hatya Zanezokero zakaihyakatya wenakala atalo Kolidiki, waikyohekwa fetalakwa Haliti, txidyare Hohatahi, hatya waiyeheko kaokatyakehere zakaihakere heko, kamaika zatini , zalakakwa kaimyarenedi hoko eye 2024 terehokwane, hayanae zakahakerenae atyo zaotyakitsatiye Kezomae zakaehakatya, hatyo natxikini eta kazaedyatyake hete Haliti Zako. Kawaiyakeheta zakaihakerenae zaidytyoarenae , hoka, zaotyakiye Kezomae kahinyaera kakwa, kahinyaetya aototaheta zakoti zaedyatyaka hiye, . Hoka ehotikitsakala kaiyohitsoare hatyo awaiyolini kitxoitere tyoma, nozawaye kehalakali aho.Eye hatya zazalitsati wayeze (Andre,2003), nohotyalihare tahi tsemazematyatiye zoaha, hatyo hiyeta natyo notyaonita zaotyakitsatiye zazalitsatiye akereze tsemazematyatiye ekinyaotseta emiyane kitxiya. Hoka eye zahekore kaomakehenere hatya hateniti, haiya zakaehakerenae kazaotyakitsaka zakoti tahi maheta, zoimanae anere, hoka witso Haliti zaotyakitsatiyenae kalore wimawaiyehareta widyaene kakwa wikyanokwarenae kakwa hitiya, hatyo, hiye taete wotyahokotyoa hena, ozaka, wikatxiyahokotyaka, hatyohiyeta, wotyahatini ite kalore kahinyaehena eye zaotyakiye waiyoliniti hiye. Eye kakwa , hoka wamohena ehekoreze hoka witsomehena witsota wihatene niyahare, kaomaka wijiyehare womanere terota wiyoimalanae tyakeko hetati haidyane aho mehezaekohareha tyaonaha idyayeha widyayene hoka, ezahe haidyane aho, hazaedyatse aho. Hatyo kakwa,Haliti Zako kinyatere heko winyekoni tyaona maheta. Hatyo hiyeta, tsema idyayekakwati tyaonita zatyakitsati aho, hoka, ezahe hoka zaotyakitsakalati hitiya atyo kalore aiyatelikitxita wotyahatini wikyoamaniyere, hazowaka waiyoliniti hana, womana, hatya koloreze hinyaeti kahinyaetita hatalatse zakini.

Idyaeti ekaitsereharetsenae: Haliti zako. Zaotyakiye. Zakaihakere. Waiyoliniti wikwoamaniyere.

RESUMO

Nesse trabalho, que se insere na linha de pesquisa: “Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural”, apresento quatro histórias *Haliti*-Paresi ilustradas, como proposta de material de apoio pedagógico para os anos iniciais, de nossas escolas indígenas, com foco em nossa língua materna. Uma dessas histórias foi narrada na língua *Haliti,* pela senhora Rosângela Zanezokero, moradora de nossa aldeia Kolidiki, Terra Indígena *Haliti*-Paresi, município de Tangará da Serra-MT, em roda de contação de história para as crianças, numa noite de verão, abril de 2024. As outras três narrativas foram relatadas pelo professor Ângelo Kezomae, depois foram transcritas na língua materna. A revisão da escrita dessas narrativas contou, ainda, com a colaboração do professor Ângelo, que ajudou na correção da grafia da língua. A ilustração das histórias foi feita por um dos alunos da escola, sob a minha orientação. É uma pesquisa qualitativa (André, 2003), de cunho etnográfico e participante, pois estou envolvido como professor pesquisador e participante do início ao fim. Ressalto que a ideia de desenvolver este trabalho, trazendo algumas de nossas histórias como material de apoio didático para o ensino de língua materna, nos anos iniciais, é porque nós, professores *Haliti,* temos uma grande preocupação com a nossa língua na comunidade. E, lembrando de que estamos no mundo globalizado, portanto, nosso protagonismo é fundamental nesse processo de ensino e aprendizagem. Com isso, precisamos propor e planejar nossas próprias atividades, produzir nossos materiais didáticos específicos para que as crianças valorizem e se sintam à vontade em se expressar em nosso próprio idioma, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita. Com isso, a língua *Haliti* se fortalece e continuará viva entre nós. Além do mais, a escuta e o diálogo entre nossa educação tradicional e a educação escolar são fundamentais, porque é uma maneira de fortalecer nossos saberes tradicionais, uma vez que a escola, para nós, é uma grande aliada nesse processo.

Palavras-chave: Língua Materna *Haliti*. Ensino. Narrativas. Saberes Tradicionais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Terra Indígena *Haliti*- Paresi- *Waikyohe fetalakwa Haliti*.....23
Figura 2: Aldeia Kolidiki.....24
Figura 3: *Hati Atxikwalidyo*.....25
Figura 4: Rio Sacre, às margens duas crianças *Haliti*.....28
Figuras 5: Circulação da escrita em espaços da aldeia e no *Whatsapp*.....31
Figura 6: Placa turística do projeto *Menanehaliti*.....32
Figura 7: Recorte de alguns livros na língua *Haliti*.....34
Figura 8: Apresentação do projeto para a comunidade.....37
Figuras 9 e 10: Pajé Maurinho e sua esposa Rita.....38
Figura 11: Crianças que participaram da atividade de contação de história.....39
Figuras 12 e 13: Correção da grafia na língua materna com o professor Ângelo.....40
Figura 14: Um dos momentos do trabalho de ilustração das narrativas 41
Figura 15: Figura 1: Capa de livros de literatura infantil indígena.....41
Figuras 16 e 17: Alunos de 1° ano ao 5° ano-E.M.I.Kolidiki.....42
Figuras:18,19 e 20: Desenhos dos alunos e alunas da E.M.I.Kolidiki.....43
Figuras 21, 22 e 23: Alunos na apresentação das ilustrações das historinhas.....43
Figura 24: Brincadeira *Halaitsoati (One* x *Hotxikwatidyo)*.....46
Figura 25: Turma no encerramento da prática pedagógica.....49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número de falantes da aldeia *Kolidiki*.....26
Quadro 2: Descrição linguística.....45

SUMÁRIO

I**NTRODUÇÃO**.....11

1. **MEMORIAL DESCRITIVO E INFORMAÇÕES ATUAIS SOBRE MEU POVO E MINHA COMUNIDADE** 16

2. SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA ALDEIA KOLIDIKI.....25

2.1 A língua materna nas práticas culturais.....29

2.2 A língua materna no contexto escolar 36

3 **DA AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA AO PRODUTO EDUCACIONAL**.....41

3.1 A prática pedagógica sob o meu olhar 52

4. **SUGESTÃO DE ATIVIDADES COM NARRATIVAS ORAIS**.....56

5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....57

6 **REFERÊNCIAS** 64

6.1 ***OTYAHATIYENAE HALITI*** (**MESTRES *HALITI*)**.....65

APÊNDICE.....62

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, apresento algumas histórias *Haliti*-Paresi para o ensino da Língua Materna na escola da aldeia *Kolidiki.* Uma das histórias foi contada na língua *Haliti* pela senhora Rosângela Zanezokero, numa roda de contação de histórias para as crianças, num final da tarde, durante o verão de abril de 2024. As crianças que participaram da contação de histórias são alunos e alunas dos anos iniciais, da escola *Kolidiki*, que está localizada na aldeia onde moro. Além dos alunos, outras crianças que ainda não frequentam a escola participaram dessas rodas de contação de história, num total de 12 crianças. As outras três histórias foram narradas pelo professor Ângelo Kezomae, numa noite do final do mês de abril de 2024, na aldeia *Kolidiki*, na casa do próprio professor.

Ele iniciou narrando a primeira história, *Zanekwarenae zaka* (Os caçadores), logo em seguida; *Txini wazolahatya zoaha zaka* (A onça e o jabuti) e, por último, *Hoze zekohatsehare zaka* (O dono do porco do mato). As histórias foram gravadas em áudio, numa média de 3 a 4 minutos e, segundo o professor Ângelo, essas narrativas são exclusivamente para as crianças.

As histórias gravadas, no meu celular, foram transcritas por mim no meu caderno de campo. A escrita e revisão dos textos contaram com a ajuda do senhor Ângelo Kezomae, que é professor de língua materna nessa mesma escola em que essa prática pedagógica foi desenvolvida. Quero ressaltar que não envolvemos nossos(as) alunos(as) nesse momento, porque ainda não possuem domínio da escrita. Ao todo, foram registradas quatro histórias que retratam, no geral, a cosmologia do nosso povo *Haliti*-Paresi, ou seja, os nossos conhecimentos ancestrais.

A ilustração das narrativas é do aluno Gabriel Zokizakaece, do 9º ano do fundamental II, um excelente desenhista. Também, realizamos atividades com as crianças, com base nas histórias coletadas, dialogando com várias áreas do conhecimento, que detalharei na seção em que trago toda a prática pedagógica. Todas essas atividades foram previamente planejadas, contemplando todo o caminho da pesquisa.

Ao final, foram produzidos quatro livrinhos ilustrados com as narrativas pesquisadas, resultando num material muito esperado pela nossa comunidade, especialmente, pelas crianças, que considero, juntamente com os(as) anciãos (ãs), atores desse trabalho.

Quero destacar que essa pesquisa foi pensada porque nós, professores *Haliti*-Paresi, temos uma grande preocupação com a língua materna na nossa comunidade, principalmente, por estarmos num mundo globalizado. Portanto, nosso protagonismo é fundamental nesse

processo de ensino e aprendizagem. Precisamos propor e planejar nossas próprias atividades, nossos materiais didáticos específicos para que as crianças valorizem e se sintam à vontade em se expressar e interagir em nosso próprio idioma, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita. Acredito que, assim, nossa língua *Haliti* pode ser fortalecida e valorizada, sem contar que é fundamental a transmissão dessa língua para as crianças, pois são elas que podem garantir o futuro de nosso povo, de nossa cultura, enfim, de nossos saberes ancestrais.

Outra questão importante é a valorização de nossos saberes tradicionais, tanto no contexto da educação *Haliti,* como também, no contexto da nossa educação escolar, pois estabelecemos um diálogo com a nossa educação tradicional. Compreendo esses dois fazeres em conexão, ou seja, num momento, as narrativas no contexto da educação *Haliti,* noutro, as narrativas no contexto da educação escolar, em que oralidade, base para a escrita, precisa ser valorizada e fortalecida.

Desse modo, a partir do registro dessas histórias tradicionais, podemos proporcionar o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na escola e, ainda, a escuta dessas narrativas relatadas pelos mais velhos, nos momentos de contação de história. Com isso, também, podemos mostrar às crianças a importância cultural, espiritual e cosmológica dessas narrativas ancestrais. Também, é a oportunidade de retomada de uma prática tradicional que está se apagando entre nós, ou seja, a contação de história pelos mais velhos. Com a chegada das novas tecnologias, como celular, TV, computador, essa prática foi sendo esquecida, pois as pessoas se envolvem muito rápido com o que é novidade. Com um pequeno click, por exemplo, estamos conectados com o mundo, e isso chama a nossa atenção, principalmente, das crianças. Por outro lado, na atualidade, também, utilizamos essas novas tecnologia para gravar com os anciãos e anciãs conhecimentos como: cantos, rezas e alguns documentários em vídeos, assim como, áudios de história e cantos que ajudam em alguns processos de comunicação em *Haliti zako* (Língua Materna) e na aprendizagem. Essas produções são divulgadas e compartilhadas via *whatsapp, facebook, instagram* e outros meios.

Entretanto, não foi somente a chegada das novas tecnologias que provocou mudanças no nosso modo de vida, a chegada do capitalismo, com a colonização transformou a nossa organização social, política e cultural. Chegou em nosso meio o modo de vida dos não indígenas, passamos a ter empregos, salários, com trabalhos em fazendas, como funcionários públicos na área de educação e da saúde, trabalho nas associações *Haliti*, nas cooperativas, no agronegócio, com controle no horário de trabalho, e isso interferiu e continua interferindo em nossas práticas comunitárias coletivas, em nossas práticas culturais, em *Haliti zako*, pois há a necessidade de dominar cada vez mais os conhecimentos dos não indígenas, principalmente, a

língua portuguesa. Tudo isso contribui para o enfraquecimento de nossa cultura, nossa língua e o nosso modo de vida tradicional. Mas frente a esses desafios, buscamos resistir e continuar com a prática de nossas tradições, de nossa língua, de nossa espiritualidade, como forma de preservar nossa identidade enquanto *Haliti*-Paresi e, também, nosso território, porque a terra para nós é território é sagrado. E quando digo a palavra Terra, na minha mente vem logo todo o princípio das histórias do meu povo, a origem, o grande líder *Wazare* e seus irmãos, os subgrupos *Haliti*, ancestralidade, espiritualidade e nossa identidade cultural.

Os ancestrais do meu povo, com resistência, e com a demarcação do território para viver, distribuição dos subgrupos, desde o princípio de toda jornada, criaram regras de vida, lugares sagrados para serem respeitados. Além disso, ao longo da trajetória de vida, viveram nos lugares que passaram e, principalmente, nas cabeceiras dos rios. Por ali passaram, moraram, viveram com as famílias, fazendo histórias nesta Terra, então, quando relato a trajetória do meu povo, da minha comunidade, das famílias da minha aldeia, estou falando da Terra, onde nossos antepassados viveram, onde nós vivemos.

No presente, acredito que todos os fatos que ocorreram no passado, ficaram na história, que na atualidade, principalmente, vem sendo transmitida nos momentos da fala dos pajés, anciões, sábios, durante a reza tradicional, na benzeção, na oração, na oralidade, mencionada durante cada ocasião. Essa história vem sendo contada, por meio da espiritualidade, que continua forte e presente nas festas tradicionais, nas oferendas, na pajelança, e em outras situações. E também lembrando de nossas organizações sociais, por meio das lideranças *Haliti*, as instituições que representam o povo como: Associações, Educação Escolar Indígena e Saúde *Haliti,* caciques das aldeias e comunidades. Tudo isso está ligado a nossa mãe Terra, porque sem ela não existe povo, não existe cultura e nem língua.

Considerando, então, essas questões, o objetivo principal da pesquisa foi registrar, por meio da escrita, narrativas orais *Haliti* para auxiliar no processo de ensino de língua materna em nossas escolas indígenas. Assim esperamos melhorar cada vez mais o ensino da *Haliti Zako* na escola, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita.

Quanto à metodologia, é de abordagem qualitativa (André, 2003), pois descrevo o percurso do meu trabalho, durante o processo de ensino e aprendizagem da língua Haliti, na escola onde atuo como professor. De acordo com Ferreira (2020), na pesquisa qualitativa, o pesquisador observa, analisa, seleciona, interpreta e registra as informações. Os resultados deste tipo de pesquisa aparecem na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, fotografias, desenhos, etc. são expressos na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, apresentações de fotografias, desenhos, etc, explica a autora. Ela é também do tipo etnográfico, porque

descrevo nossos aspectos culturais e sociais num diálogo entre nossa educação *Haliti* e educação escolar *Haliti*. Eu realizei entrevistas com anciã e ancião da comunidade sobre as narrativas que apresento neste trabalho, pesquisa de campo sobre a *Haliti Zako*, entre outros assuntos sobre o tema de minha pesquisa.

E, nesse processo, então, sou pesquisador participante, porque estou diretamente envolvido em todo trabalho de pesquisa e de ensino, juntamente com meus alunos e alunas, tanto na pesquisa de campo, como em sala de aula. E, "nesse tipo de pesquisa, geralmente, a observação é participante porque existe grande interação do pesquisador/a com o que se está pesquisando" (Ferreira, 2020, p.18-19).

Nesse contexto, acredito que o professor pesquisador tem capacidade de fazer mudar a realidade dos alunos no ensino e na aprendizagem, aprofundar os conhecimentos e saberes tradicionais, enfrentar os desafios, incentivar no estudo das crianças, mostrar a importância de aprender e valorizar nossa cultura e língua.

Quero destacar que essa pesquisa possibilitou atividades, envolvendo outras áreas do conhecimento e saberes tradicionais, que desde o princípio da história do nosso povo, o grande líder *Wazare* e seus irmãos deixaram para nós, *Haliti*-Paresi seguir adiante, durante o percurso de cada subgrupo aqui na terra (mais a frente destacarei alguns desses ensinamentos tradicionais).

Na área de História, por exemplo, as narrativas nos trazem conhecimentos passados, por meio da oralidade, que podem ser transmitidos para as novas gerações *Haliti*-Paresi. As narrativas também trazem conhecimentos sobre a natureza que nos cerca, ensinando a nós que dependemos dela para sobrevivermos, trazem conhecimentos sobre os animais, ou seja, assuntos que podem ser explorados na área de Ciências.

Em relação à Geografia, as histórias trazem os lugares que ainda existem, nome, espaço e tempo. Na Matemática, a partir dessas narrativas, podemos ensinar, por exemplo, quantidade, considerando os animais que podem ser abatidos pelo caçador, grupos de caçadores. A distância do lugar de caça das aldeias e moradores, animais que vivem em grupos, entre outros conhecimentos.

Além disso, considerando que nossa proposta foi o de produzir os livrinhos ilustrados das histórias registradas, como produto educacional, buscamos conhecer alguns livros de histórias infantis de autores indígenas, como Daniel Munduruku, entre outros autores. Também usamos a internet para acessar alguns sites, como a biblioteca virtual[1] de literatura

[1] https://sites.google.com/educacao.quintana.sp.gov.br/biblioteca-virtual/literatura-indigena

indígena, pesquisamos livros publicados na língua materna, e na língua portuguesa, como "O Livro de Narrativas Paresi-Haliti", produzido juntamente com o pesquisador Jurandir Zezokiware e organizado por Glauber Romling da Silva, por meio do *Prodoclim* (Projeto de Documentação de Línguas Indígenas) do Museu do Índio-FUNAI, em 2014.

Para a escrita da dissertação, dialogamos com Freire (1982, 1999, 2013), alguns documentos específicos da área de educação escolar indígena, tais como: Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases-LDB (1994), Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI (1998), alguns autores *Haliti*, como: Kezonazokero (2016), Nazokemai e Pereira (2021) e Zonizokemairô (2022), entre outros.

O recursos necessários que utilizamos durante o percurso de pesquisa foram: lápis, lápis de cor, caneta, caderno, borracha, pen drive, livros, notebook, fotos, papel A4, celular, internet e outros meios. Estes instrumentos facilitaram a realização da minha pesquisa sobre nossas histórias, pois os recursos são importantes na percurso do trabalho.

Quanto à organização textual dessa dissertação, na primeira seção apresento o meu memorial descritivo e informações atuais sobre meu povo e minha comunidade. Na segunda seção, descrevo a situação sociolinguística da aldeia *Kolidiki*, lugar onde desenvolvi a pesquisa, escrevo um pouco sobre a língua *Haliti* em nossas práticas culturais e no contexto escolar de nossa comunidade.

Na terceira seção, apresento minha prática pedagógica e descrevo como foi elaborado nosso produto educacional, ou seja, os quatro livrinhos que trazem as narrativas escolhidas para compor este material.

Na quarta seção, apresento uma sugestão de atividades, a partir de uma das narrativas que compõe nosso produto educacional, bem como, sugestão de leitura complementar de narrativas indígena e não indígena, como forma de diálogo intercultural com outras culturas.

Por fim, faço as considerações finais do trabalho, com uma breve reflexão sobre minha prática pedagógica, no processo de pesquisa e de ensino, que resultou no produto educacional, como proposta de material didático para as nossas escolas indígenas, além de um glossário em *Haliti Zako.*

1 MEMORIAL DESCRITIVO E INFORMAÇÕES ATUAIS SOBRE MEU POVO E MINHA COMUNIDADE

Meu nome é Lino Zokenazokae, professor pedagogo pela UNOPAR-Universidade Norte do Paraná, modalidade ensino à distância. Sou Haliti-Paresi, subgrupo *Enomaniyere/Kozarene,* nasci dia 03 de abril de 1988, na aldeia Rio Verde, Terra Indígena Haliti – Paresi, município de Tangará da Serra-MT. Sou falante da língua *Haliti*-Paresi, da família linguística Aruak.

O pai do meu avô é Gabriel *Zokizakaece* do subgrupo *Kozarene*, viviam numa aldeia chamada *Mawololi,* localizada na nascente de Rio Jauru, onde morava com seus dois filhos Mauricio *Kizaece,* casado com Anita *Zonairo* do subgrupo *Enomaniyere (olo)* e Brito *Zohezokae,* casado com Luzia, onde viviam também seus netos. Viviam da caça e da pesca naquela localidade e, também, caçavam em outros locais que conheciam através do pai deles. Deslocavam da aldeia em busca de alimento e ficavam caçando por dias. Depois, voltavam para aldeia, e era sempre assim a rotina e cotidiano das famílias. Com o tempo, grileiros e fazendeiros chegaram na área onde habitavam e conheciam cada pedaço, como os nomes das cabeceiras, mato, rios, campo e cerrado. Os espaços foram tomados pelos fazendeiros, que faziam as picadas, colocando estacas para marcar o território, como se fosse deles.

Um padre chegou até as comunidades onde eles viviam, facilitando a entrada de pessoas estranhas (não indígenas) por causa da terra. Com o tempo, perceberam a chegada de pessoas estranhas, dizendo que tinham terras ali, que foram fazendo picadas, demarcando suas áreas, diminuindo o espaço, a caça e a pesca. Com o decorrer do tempo, passou a ser terra de fazendeiro, porém, ali continua histórico com marcas da aldeia dos meus avós, com seu pai e seus filhos.

Meus pais são Rosangela Zanezokero e Lugike Zoloizokie. Eles se casaram no ano de 1982, na aldeia Rio Verde, depois moraram uns tempos na aldeia Estivadinho e na aldeia Formoso. Tempos depois, voltaram para aldeia Rio Verde, onde tiveram 5 filhos: Gelson Zezokiwe, Lino Zokenazokae, Rosineide Zenezokero, Gefferson Ezonezokemaece e Rodinei Zoloizokie.

O meu pai e seus tios viviam de plantios de roça, na região da Terra Indígena Formoso, devido ao solo bom para produção de arroz, milho, abóbora, batata doce, cara, feijão fava e vários tipos de mandioca. De lá tiravam alimentos para consumir e vender na cidade, principalmente, arroz. Às vezes, meu pai nos levava para morar algum tempo na região, com outras pessoas, para cuidar da plantação até a colheita. Depois, voltávamos para a aldeia Rio

Verde, onde minha mãe me carregava na *zamata* (carregador de bebê) feito de algodão. Assim vivi e cresci até os 4 anos de idade, já sabendo do meu trajeto de vivência. No ano seguinte, os tios do meu pai o chamou para trabalhar nos seringais, para extrair borracha, na Terra Indígena Utiariti, no município de Campo Novo do Parecis.

Assim que estava tudo resolvido, pediram o carro da comunidade para nos levar até a aldeia Seringal, junto com o pessoal, minha mãe, meu pai, meu irmão e eu. Na época, meus avós maternos não queriam que nós fôssemos com eles, mas mesmo assim, nos deslocamos da aldeia Rio Verde para a outra aldeia

Ao chegar na outra aldeia, o cacique, senhor Narciso nos recebeu e nos ofereceu uma *hati* para morarmos. Quando meu pai ia trabalhar na seringa, ia de canoa. Ele colocava a bicicleta dentro e atravessava o rio Papagaio, e nós o acompanhava até a beira do rio. O produto era vendido em Cuiabá, capital do Estado. Assim moramos dois anos ali, conhecendo a localidade, os caminhos de pesca e caça, de trabalho e dos rios e nascentes. Em fevereiro de 1995, meu pai resolveu retornar conosco para o lugar de origem, para podermos estudar na Escola Municipal Zozoiterô, fundada no ano de 1992. Aqui trago uma mensagem muito importante que meu pai deixou para nós, uma vez, quando acordou às três horas da madrugada: *Meus filhos queridos, quero dizer uma coisa importante para vocês, quero que vocês estudem na escola que único espaço que pode mudar a vida de vocês e do nosso povo. Eu tive uma infância muito triste, perdi minha mãe tão cedo, quando tinha dois anos de idade e quem me criou foi meu irmão Maurinho Nizokie, e meu pai nos abandonou tão crianças e depois minha avó materna Petromilia recolheu para me criar, que onde tive infância difícil de estudar que hoje tenho apenas a 3° terceira série. Por este motivo quero que vocês estudem na escola, que não seja igual eu, porque isso servirá para vocês no futuro melhor, respeitando o próximo para ser respeitado.*

Quando meus pais saiam para caçar e pescar e procurar filhotes de papagaio, eles nos deixavam com meus avô e avó, parte da minha mãe. A gente chorava e corria atrás deles, mas algumas horas depois parávamos de chorar e meu avô passeava com a gente para nos acalmar. Ele caminhava três quilômetros para passear na outra aldeia. Eu me lembro que no caminho meu avô fazia cada arte com uma varinha de taquara (*kore katse*): ninho de pássaro, estrela, e na palha de guariroba, as tranças de rastro de trator (*matokoliddyo)*. Assim chegava na outra aldeia, visitava as pessoas e depois voltava novamente para nossa aldeia. Também colocava a folha de coqueirinho na nossa cabeça como se fosse uma touca.

À noite, nós pedíamos para meu avô e avó contar história, que a gente ouvia e depois ia dormir. Eles acordavam de madrugada e depois nos acordavam para podermos tomar banho no

rio. Eles falavam: “tomar banho cedo, antes do sol nascer é para ficar firme, forte na saúde e não envelhecer tão cedo. Se você tomar banho depois de sol nascer você fica velho rápido”

E, assim, vivenciamos os ensinamentos e aprendizagens até que nossos pais retornassem da caça e da pesca para casa.

Quando meu pai me matriculou, com 8 anos de idade, na Escola Municipal Zozoiterô que tinha do 1° ao 4° ano, na época, fiquei muito ansioso para estudar e frequentar a escola. A minha professora se chamava Nilce Zonizokemairo, que lecionava aulas na aldeia Rio Verde.

A escola mudou a minha rotina de vida e, somente nos finais de semana, praticava esporte de arco e flecha com os amigos da outra aldeia, caçávamos frutas com minha avó materna, pois ela conhecia o lugar de frutas do cerrado e do campo, na época de frutas, na época de filhote de animais e outras realidades. Assim foi a minha jornada com as pessoas com quem eu convivia, as pessoas que praticavam os modos de vivência do dia a dia. Durante o primeiro ano de estudo, tive bastante dificuldade para escrever, e me perguntava: “Como posso aprender ler e escrever?”

A professora me castigava por não saber escrever, por isso eu não saia para o recreio, ficava na escola o tempo de intervalo. Eu obedecia, mas tentava sempre fazer tarefa do meu jeito para ficar em dia com meu dever. Eu frequentava a escola todos os dias para aprender a escrita e a leitura da segunda língua, o português. Porém, no primeiro ano de estudo, fui reprovado direto por não saber escrever direito e não saber ler. Assim foi no segundo ano, consecutivo, reprovado, e no terceiro ano de estudo fiquei de exame em três disciplinas: matemática, língua portuguesa e ciências. A primeira matéria de exame não consegui e reprovei. Sai da escola para o caminho da casa e contei para minha mãe que não tinha passado de ano mais uma vez.

No outro ano, meu pai me matriculou de novo, então, pedi a ele comprar lápis com borracha na ponta e caneta. A minha intenção era passar de ano para poder saber ler e escrever com a caneta na 2° série. O que me dificultava no meu estudo era que minha mãe não sabia nada de escrita, e meu pai estudou até a 3° série. Ele sabia ler e, também, sabia matemática, mas ficava mais na fazenda trabalhando, e como não tinha outras pessoas para me ajudar nas tarefas escolares, eu enfrentava muita dificuldade. Assim, ninguém me ajudava nas tarefas, então eu fazia do jeito que eu conseguia. E, assim, comecei a escrever e a ler, pelo menos, olhava o que estava escrito naquele livro e ficava sempre com a mesma leitura até aprender a ler. E isso sempre me levava adiante. Quase terminando o primeiro bimestre, deu uma luz na mente, e minha vida escolar parece que acendeu algo na minha memória. Foi então, que eu peguei o livro de leitura e comecei a ler. O dia que eu entendi as letras, as sílabas e palavras,

comecei a ler sozinho. Nesse dia, fiquei ansioso para fazer leitura para professora, pois finalmente, podia ler sozinho. Eu queria que fosse o dia passasse rápido. No outro dia, acordei cedo para tomar banho com minha mãe no rio, e depois fui para a escola antes do horário às 6 h 30 da manhã. Assim que nós entramos na sala de aula, a minha professora me pediu para ler, o meu coração batia forte no meu peito. Comecei a ler e, finalmente, passei naquela leitura. Para mim, foi um alívio. Depois desse dia, pegava qualquer livro para ler e, a partir daí, comecei a entender o mundo da leitura e da escrita.

O texto era pequeno e dizia o seguinte:

Um dia a Regina, o Pedro e o Ivan conversaram com o sapinho atrás de uma geladeira.

Esta frase marcou a minha vida para sempre, pois foi quando, pela primeira vez, consegui ler sozinho na sala de aula. Para mim, foi uma alegria imensa e, depois dali, comecei a ler qualquer livro e texto.

E foi no ano de 1998, com 10 anos de idade que consegui passar para 2° série. No ano seguinte, em 1999, comecei a estudar na 2ª séria, conseguindo realizar o sonho, quando guardava as canetas coloridas. A preferida era a caneta preta, para escrever e passar por cima da linha do meu desenho. Assim, terminei o ano letivo e passei para a 3° série. Eu continuei me dedicando aos meus estudos e não gostava de faltar. E no ano de 2001, conclui a 4ª série, fase dos anos iniciais.

Na época, a escola só ofertava de 1ª série à 4ª serie, na aldeia Rio Verde. Quando terminei, fiquei alguns anos parado, porque não tinha como continuar estudando. As pessoas que tinham condições de matricular seus filhos na cidade, colocava para estudar nas escolas das cidades próximas. As comunidades das aldeias e da região, caciques e lideranças, antes, já tinham solicitado e reivindicado para a prefeitura do município, a construção de uma nova escola para implantação do ensino fundamental II (de 5ª a 8ª série), na aldeia. Por causa do alto número de alunos *Haliti*-Paresi que frequentavam a escola da cidade e das fazendas, a grande preocupação da maioria dos pais era a dificuldade que os filhos passavam na cidade, em relação a alimentação, alojamento e, também, por conta da língua portuguesa. Além disso, havia a preocupação por causa de drogas ilícitas, por isso, era melhor para os alunos estudarem na aldeia mesmo, com tranquilidade e dar resultado para sua comunidade.

Assim, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) fez acordo com as comunidades locais para ampliar e usar o salão comunitário da aldeia Rio Verde como escola. As pessoas concordaram e aquele espaço passou a servir como escola para atender os anos finais.

Infelizmente, nesse ano, em setembro, faleceu de câncer, na aldeia Rio Verde, o meu avô materno, o senhor Maurcio Kizaece. Ele era um dos melhores cantores tradicionais, reconhecido na cultura e nas festas pelo cântico que praticava. Todos nós, os familiares, e a aldeia ficamos de luto. Também, foi nesse mesmo ano, que aconteceu a grande tragédia em Nova Iorque, nos Estados Unidos. O ataque às Torres Gêmeas pelos terroristas. Nesse ano, não tinha muita tecnologia nas aldeias, então as notícias eram ouvidas somente pelos rádios, ou quando as pessoas iam para a cidade e viam as notícias na TV.

Em 2003, começaram as aulas de 5ª a 8ª série, na aldeia Rio Verde, na Escola Municipal Indígena Zozoitero. No entanto, não havia professores Haliti-Paresi suficiente para lecionar na sala de aula, para as turmas. Na ocasião, os professores presentes para ensinar eram Alinor Alves Zezonai, Ângelo Kezomae, Nilce Zonizokemairo que estavam em formação no 3° grau indígena, na FAINDI, do Campus da UNEMAT, em Barra do Bugres. Faltavam professores para lecionar em algumas áreas de ensino como: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Ensino Religioso, então, a SEMEC contratou 2 professores não indígenas da cidade para que completassem o quadro docente da escola. Os professores indígenas ainda tinham pouca formação nas áreas de ensino.

Eu estudei a 5ª série na aldeia, com professores indígenas e não indígenas, aprendendo duas linhas de conhecimento. No final do ano letivo, consegui passar de ano.

No ano de 2004, a estrutura da escola estava um pouco melhor, o espaço e as salas no salão comunitário foi se transformando numa escola.

Continuei meus estudos, já na 6ª série, na aldeia. Nos estudávamos de manhã, com os professores não indígenas, conhecidos como Beto, que ensinava Língua Portuguesa e Ensino Religioso, a professora Lucineide que ensinava Língua Espanhola e Língua Inglesa, e a professora Perla que ensinava matemática. Eles vinham da cidade e enfrentavam muita dificuldade, por causa do transporte não adequado, pois a Kombi não tinha ar-condicionado e a porta não fechava direito. Eles relatavam para nós essas dificuldades, pois para chegar na escola, percorriam, toda semana, de Tangará da Serra até a aldeia, 114 km.

Na escola, sempre havia apresentação de trabalhos, e quando o ano letivo se encerrou, fui aprovado em todos as disciplinas. Portanto, mais um ano com sucesso.

No ano de 2005, cursei a 7ª série, na Escola Municipal “Zozoitero”. Em 2006, iniciei o ano letivo com a expectativa de estudar bastante e terminar a 8ª série, concluindo o fundamental II, com sucesso e feliz da vida. Mas, como tudo tem um porém, na aldeia não tinha o Ensino Médio para frequentar. As lideranças da região do Rio Verde sempre solicitavam e

reivindicavam uma escola para o Ensino Médio, para poder atender os alunos que já haviam concluído o ensino fundamental.

No ano de 2007, participei de dois cursos ofertados pela SEMEC, um de hortaliça e outro de horticultura (cultivo de banana) no Assentamento Antônio Conselheiro, "Escola Municipal Chê Guevara" . Para estes cursos, foram convidadas três escolas indígenas: Formoso, Nova Esperança e Zozoiterô. Eram duas vagas para cada escola, sendo que, futuramente, os professores poderias ser contratados pela prefeitura.

Eu fiquei um tempo sem estudar, porque não havia Ensino Médio na aldeia e, também, porque não tinha condições de frequentar a escola na cidade. O Ensino Médio não saia porque, a Secretaria de Estado de Educação-SEDUC, não aceitava turmas de 14 alunos, que era o nosso caso. Mas, em agosto de 2007, recebemos a boa notícia de que teríamos o Ensino Médio na aldeia, e iria funcionar no prédio da Escola Municipal "Zozoitero", em parceria com o Estado. Com isso, iniciamos a turma do 1º ano, com 22 alunos. Ficamos felizes com isso, pois para nós, *Haliti*-Paresi, era um fato histórico para o nosso povo. Era a primeira escola estadual do ensino médio, onde alunos que moravam na aldeia tiveram oportunidade de continuar estudando, e professores *Haliti*-Paresi lecionar na sua própria aldeia.

Assim iniciamos o 1° ano do Ensino Médio e continuamos até o 3° ano, em nossa aldeia. Nesse período, junto com os professores, comunidade e alunos pensaram para criar o nome da escola estadual. Todos entraram em consenso que seria *Malamalali*, nome de uma palmeirinha do mato. E o local de travessia do rio era chamado de *Malamalali Kohinyaho.* Assim o nome foi discutido e colocado na escrita para ser registrado, até a escola ser reconhecida como Escola Estadual Indígena Básica "Malamalali".

No ano de 2008, tivemos muitas coisas boas para educação escolar, porque a FUNAI, juntamente com a Associação *Halitinã* desenvolveram um projeto para construir duas casas *hati* na aldeia Rio Verde, uma para homens e outra para mulheres, inclusive, para os alunos que moravam longe, em outras aldeias. Além das duas *hati*, teria alimentação e alguns materiais para os alunos. Com isso, aumentou o número de alunos e turmas.

Como eu já tinha participado no ano anterior de curso de horticultura ofertado pela SEMEC, e já tendo experiência em trabalhar com isso, no início de 2008, tive o meu primeiro emprego na escola, trabalhando com hortaliça, com uma renda de 300 reais mensal. Eu trabalhava com os alunos de segunda à sexta, com a horta escolar, de acordo com a escala feita pela escola. Assim, escolhemos uma área para plantarmos mandioca, batata doce, melancia tomate, abóbora, alface, couve, beterraba, entre outras plantas. Tais produtos eram destinados para a merenda da própria escola.

No ano de 2009, já estudando no 2° ano do ensino médio, continuei trabalhando na horta escolar e, também, fui escolhido na reunião dos professores para substitui-los quando precisam sair para participar de eventos ou reuniões. Foi a partir daí, que dei o primeiro passo para ensinar os alunos em sala de aula. E, assim, em julho de 2009, terminamos como os primeiros alunos do ensino médio na aldeia, fato histórico para o nosso povo e para o município.

Em 2010, depois de concluir o ensino médio, continuei trabalhando na horta escolar da Escola Municipal Indígena Zozoitero, junto com os alunos, ensinando sobre os canteiros, plantas, adubação do solo, quais alimentos e plantas podíamos cultivar para o nosso consumo.

No ano de 2011, no início de janeiro, houve reunião sobre o quadro dos professores, o qual tinha vaga para professor da Educação Infantil. Na ocasião fui convidado para assumir sala de aula, pois de acordo com algumas pessoas, eu tinha condições para isso, pois eu já vinha substituindo alguns professores na escola. Os professores me apoiaram, então me inscrevi para fazer o seletivo da prefeitura, conquistando o 8° lugar, entre as 43 vagas destinadas a professores *Haliti*-Paresi, do município de Tangará da Serra-MT.

No ano letivo de 2012, já tínhamos o quadro de professores completo para iniciar os trabalhos na escola Porém, em fevereiro do mesmo ano, aconteceu uma grande tragédia na família, pois faleceu meu primo, esposo da professora Nilce Zonizokemairo. Ficamos totalmente perdidos pela grande perda que tivemos, por isso, mudamos da aldeia Rio Verde, para abrir uma aldeia nova com toda família na região Ilhoce, no Rio Sacre. Éramos 54 pessoas, compondo 12 famílias. Assim, em março de 2012, fundamos a aldeia *Kolidiki*. Na nossa família havia 20 alunos e 3 professores: Ângelo Kezomae, Gelson Zezokiwe e Eu, então, procuramos a SEMEC para podermos continuar com nosso trabalho na educação, porém, uma sala anexa foi aberta na aldeia Estivadinho, Terra Indígena Estivadinho, a 17 km da aldeia nova que abrimos.

De 2013 a 2015, dava aulas na escola e cursava Pedagogia, modalidade de ensino à distância, um período rico de experiências e aprendizados. Uma vez por semana ia para Tangará da Serra, na época, ainda não tinha internet na minha aldeia, então, acessava só quando chegava na cidade. E nessa trajetória fui adquirindo mais conhecimentos de como ensinar as crianças na escola. Para me formar como professor pedagogo, foi uma grande luta e, nessa caminhada, recebi o apoio de várias pessoas, principalmente, do meu pai que sempre me deu grande apoio nos momentos difíceis.

Entre 2017 e 2018, depois de formado em Pedagogia, a comunidade do Rio Verde me convidou para assumir o cargo de coordenação da Escola Indígena Municipal Zozoiterô, onde

estudei na minha infância. Aceitei o convite e trabalhei os dois anos na Coordenação, ali fizemos muitas coisas para a escola, para a comunidade e para os alunos.

No início de 2019, recebi uma proposta da comunidade da aldeia Kotitiko, próxima da aldeia Rio Verde, para trabalhar com as turmas do 1° ao 5° ano, o que seria um grande desafio para mim. Aceitei o convite e terminamos o ano letivo com sucesso. Encerrado o ano letivo de 2019, agradeci a comunidade Rio Verde, pois iria voltar para a minha aldeia Kolidiki, devido ao convite que recebi para atuar como professor na escola de lá.

No início de janeiro de 2020, fizemos o contrato para trabalhar na aldeia Sacre, a 12 quilômetros da minha aldeia. No entanto, devido a pandemia da COVID 19, recebemos comunicado da SEMEC e da SEDUC que não iríamos voltar às salas de aula, o ensino seria por meio de apostilas, que teríamos que entregar nas casas dos alunos, seguindo todos os protocolos vigentes. Devido a isso, adotamos cuidados de higiene com os materiais, com uso de máscara e álcool gel para poder fazer o trabalho, inclusive, com prazo de recolher. Foram momentos difíceis de enfrentar, trabalhar e se cuidar, sem contar a tristeza de vermos nossos alunos doentes quando chegávamos a casa deles.

No ano de 2021, continuamos a trabalhar na Educação Escolar Indígena, com apostilas por todo o ano letivo porque continuava a circulação da pandemia COVID 19 na comunidade e, assim, o fizemos, respeitando as normas de protocolo.

Em 2022, o contrato da prefeitura foi prorrogado, para continuarmos na Educação Escolar Indígena do nosso município. Nesse ano, pudemos voltar a trabalhar de forma presencial com os nossos alunos. Na minha aldeia Kolidiki, trabalhei com as turmas do 1° ao 5° ano, no período matutino e, no período vespertino, trabalhei na escola Cabeceira do Sacre, nas salas anexas (extensão da Escola Estadual Indígena Malamalali), com meu tio, o professor Ângelo Kezomae, com os alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. Todos os dias percorria 11 quilômetros, entre a aldeia onde moro até a escola da Cabeceira do Sacre.

No período das férias, a minha filha ficou de reclusão, porque entrou para a adolescência. Refizemos a *hati* (casa tradicional). Devido a isso, não podíamos retornar para nosso trabalho da escola, por respeito a nossa cultura e, também, porque toda a comunidade local estava envolvida na festa da menina moça e no batizado das crianças. Assim, organizamos a festa que seria realizada no mês de agosto, com a participação de várias aldeias. Nesse mesmo ano, fiz a inscrição para o curso de mestrado profissional da UNEMAT, para o qual fui aprovado, com meu projeto na linha de pesquisa: “Ensino e linguagens em contexto intercultural.”

O ano de 2023 foi muito desafiador e de muito trabalho na Educação Escolar Indígena, no município e no estado, como também, no mestrado como pesquisador. É um desafio de vida gratificante, porque acredito que irei contribuir ainda mais para a nossa Educação Escolar *Haliti*-Paresi, principalmente, na minha área de atuação.

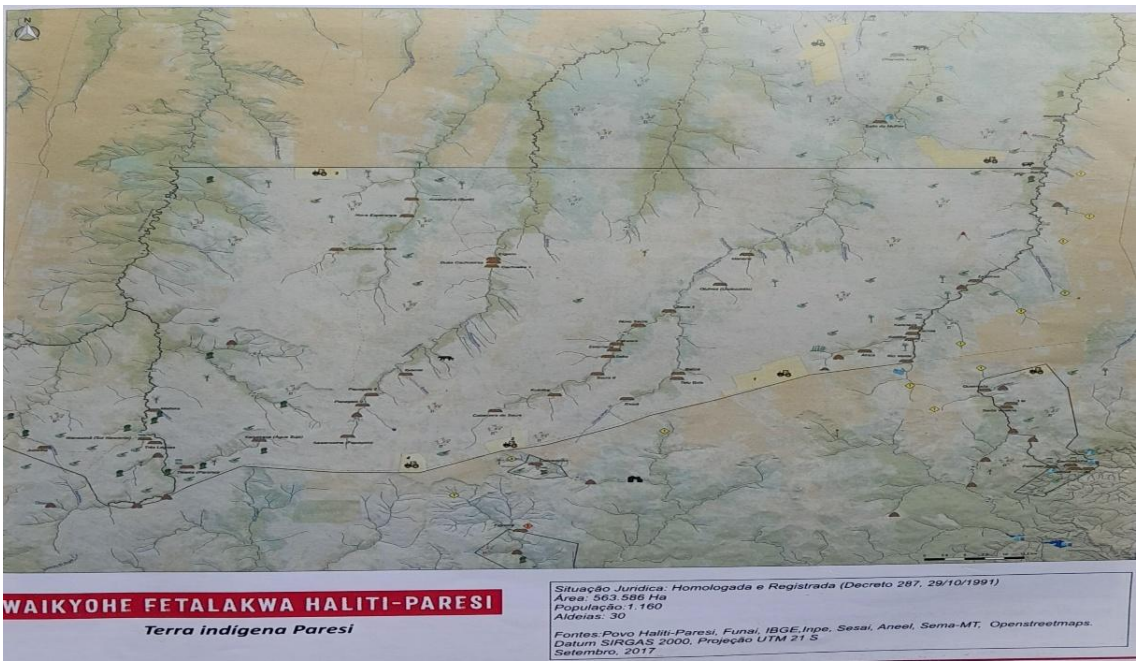
E nesta pesquisa, na área de ensino, escolhi trabalhar com as narrativas do meu povo, com foco na leitura e na escrita, como uma forma de contribuir para o fortalecimento de nossa língua materna, como forma de registrar nossos conhecimentos milenares, presentes nessas narrativas, porque elas trazem nossa cosmologia *Haliti,* E nesse processo, não podemos deixar de lado a oralidade, prática indispensável para manter vivos nossos saberes, nossas histórias. E na escola, a oralidade é uma prática muito importante e base para o processo da escrita, pois é por meio da oralidade, que buscamos nossos conhecimentos, fazemos nossas rezas, nossos cantos, enfim, a oralidade nos traz toda uma sabedoria ancestral que é a nossa identidade. E como iremos tratar do ensino de língua materna, primeiramente, trago a situação sociolinguística de nossa comunidade, local onde desenvolvemos nossa pesquisa, porque acredito que um bom ensino de língua materna na escola depende muito de como esta língua está presente em nosso meio.

2 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA ALDEIA KOLIDIKI

A aldeia *Kolidiki* está situada na Terra Indígena *Haliti*-Paresi, município de Tangará da Serra-MT. Nesse Território, há, aproximadamente 32 aldeias, com uma população estimada em 1.380 pessoas, de acordo com o censo da Associação *Halitinã,* realizado em 2024 e com senso da Associação *Waimare* realizado no mesmo ano com 1.250. Já a população geral *Haliti*-Paresi, de acordo com o censo da Associação *Waimare* (2024) é de 2.630 (dois mil, seiscentos e trinta), distribuída em nove territórios: Terra Indígena *Haliti*-Paresi, Terra Indígena Estivadinho, Terra Indígena Figueira, Terra Indígena Formoso, Terra Indígena Juininha, Terra Indígena Utiariti (homologadas) e Terra Indígena Estação Parecis, Terra Indígena Ponte de Pedra e Terra Indígena Uirapuru (não homologadas), com 52 aldeias registrados no sistema, onde vivem maioria dos subgrupos *Kozarene-Enomaniyere, Kaxiniti, Waimare, Warere* e *Kahete*.

Abaixo trago o mapa do Território, onde se localiza a aldeia *Kolidiki.*

Figura 01: Terra Indígena *Haliti*- Paresi- *Waikyohe fetalakwa Haliti*



Fonte: Plano de Gestão *Haliti*-Paresi, 2019

A aldeia *Kolidiki* foi criada em 2011, e está localizada na região de Ilhocê, às margens do rio Cabeceira do Sacre, a 160 km do município de Tangará da Serra, estado de Mato Grosso. Nela tem posto de saúde, que serve de apoio para a região e atende 14 aldeias próximas; uma

escola municipal, que é polo da escola Cabeceira do Sacre e suas extensões, e uma escola estadual, que é anexa da escola Malamalali.

Nessa aldeia, moram aproximadamente, 55 pessoas, constituindo 18 famílias. Dentre essas pessoas, nós professores, Ângelo Kezomae, Lino Zokenazokae, Gelson Zezokiwe e Rosineide Nezokenazokero que atuam nas escolas da região.

Figura 2: Aldeia Kolidiki



Foto: Gabriel Zokizakaece, 2023

Nessa comunidade, vivemos, tradicionalmente, cultivando roça com variedades de mandioca, entre outras plantações. Todos nós, anciãos, anciãs, adultos, jovens, adolescentes e crianças falamos nosso idioma *haliti zako,* como primeira língua, pertencente à família Aruak.

A maioria das casas da aldeia é tradicional (*hati*). A *hati* para nós é uma importante construção oval, no sentido de leste para oeste, onde sol nasce e se põe. Desde o princípio da ancestralidade, nosso povo vivia dentro de uma pedra então, por isso, nossa *hati* tem o mesmo formato redondo. As construções também variam por região, pois são feitas com folha de guariroba e ou com folha de buriti. A *hati* é um símbolo de resistência da cultura e de nossa língua. Dentro da casa, a posição para dormir tem que ser a cabeça no sentido leste e os pés para sentido oeste, para que a pessoa possa dormir bem. É dentro da *hati* que acontecem todos os ensinamentos tradicionais e saberes tradicionais e regras de vida desde criança até a fase adulta. Vejamos a citação que segue:

> A Hati, palavra que designa a casa tradicional, desde os princípios da história dos Haliti é a referência central de sua identidade, organização sociocultural e territorialidade e há um conjunto extenso e complexo de

> conhecimentos relacionados com a construção da Hati, e tem muito significado para o povo Haliti Paresi. Porque dentro da Hati acontece a pedagogia indígena e suas organizações socioculturais no contexto de aprendizagem que envolve a espiritualidade, das festas e rituais (Nazokemai & Pereira, 2021, p.75).

Abaixo trago uma foto da *hati*, nossa casa tradicional:

Figura 3: *Hati Atxikwalidyo*

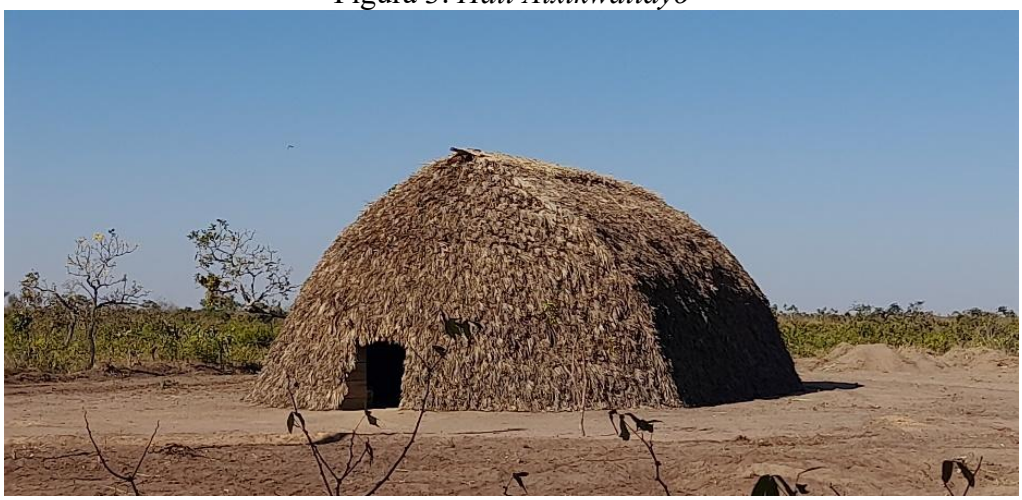


Foto: Gabriel Zokizakaece, *2024*

Na aldeia onde moro, tem um pajé (meu tio Maurinho) que atende também os pacientes das outras aldeias, passando folhas, faz bezenção, oração para festa tradicional e oferenda, receita medicamentos tradicionais do mato e, também, sabe os cânticos do nosso povo. O pajé desempenha uma função muito importante dentro de nossa comunidade *Haliti.* Quando acontece festa da menina moça, festa da plantação nova e festa para as pessoas que são curadas, o convite é feito oralmente pelo pajé ou pelos anciãos na comunidade onde será realizada a festa e, também, em outras aldeias.

Quanto ao uso da língua, aqui na minha aldeia, minha mãe Rosângela Zanezokero, minhas tias Rita Kaizokero, Aninha Nizokero são as pessoas que dificilmente falam português, nossa segunda língua. A maioria das pessoas da comunidade da aldeia é bilingue, devido ao estudo e formação, mas entre os membros de nossa família, na aldeia, a comunicação é sempre na língua materna. No entanto, com outros parentes e com os não indígenas, usamos a segunda língua que aprendemos para nos comunicar.

Com a chegada das novas tecnologias como: celular, wifi, tv, som e outros meios de comunicação na aldeia, nossa rotina têm mudado bastante a rotina e a vida em nosso meio, principalmente, a vida das novas gerações, que já vêm crescendo nesse mundo digital,

aprendendo cedo a falar a segunda língua, sem entrar na escola. As crianças estão acessando cada vez mais cedo as mídias digitais, aprendendo por meio das tecnologias, como desenhos, filmes e jogos online. Isso traz grande preocupação para nós, principalmente, por conta do enfraquecimento de nossa língua materna, que aos poucos vai sendo substituída pelo português.

As novas tecnologias são algo bom, porém, precisamos saber usá-las a nosso favor, para fortalecer nossa língua e registrar nossos conhecimentos. Por isso, uma das preocupações da escola é orientar, principalmente, as crianças quanto ao bom uso e cuidado com essas ferramentas, para que nossa língua materna não seja apagada de vez e substituída pela língua portuguesa. Dentre as várias aldeias do nosso território, a aldeia *Kolidiki* é lugar onde a língua se mantém mais forte, embora com a chegada das novas tecnologias que invadem os nossos espaços sociais, trazendo consigo a língua portuguesa.

As famílias aqui na comunidade sempre ensinaram seus filhos desde criança até na adolescência, preparando-os para o mundo e, principalmente, para a vida cultural do povo. A primeira língua é a *haliti zako*, depois vem a língua portuguesa. Porém, às vezes, usam muitos empréstimos da língua portuguesa, devido às novas tecnologia que chegaram na aldeia, de forma veloz. As crianças aprendem rápido o português, devido assistirem desenhos na TV ou na internet. Na aldeia há situação de monolinguismo, entre as crianças e, também duas anciãs que só falam *haliti zako*, a principal língua falada na comunidade local. E não há outras línguas, além da nossa e do português, que circulam na comunidade.

A língua portuguesa é usada na escola nos momentos de algumas disciplinas, junto com a língua materna e, também, nas reuniões, palestras e outras ocasiões em que há outras pessoas que não entendem direito a nossa língua, ou então quando há outro povo e na presença de não indígena

Na atualidade, há situações em que as crianças, durante as brincadeiras na aldeia, brincam ora falando em português, ora falando na língua *Haliti Zako,* mesmo todos tendo nossa língua materna como primeira língua.

A partir de um diagnóstico sociolinguístico, realizado por mim na comunidade, elaborei um quadro da situação da língua, o qual apresento abaixo:

Quadro 1: Número de falantes da aldeia *Kolidiki*

Quantidade de crianças	Quantidade de pessoas adolescentes	Quantidade de pessoas adultos	Total de pessoas
18	19	18	55

A maioria das crianças são monolíngues. E outros são bilíngues, devido ao contato com a tecnologia mais cedo na aldeia.	Todos são bilingues, mas são falantes da língua |*Haliti Zako* como primeira língua, que é falada todos os dias na aldeia.	04 pessoas falam muito bem a língua materna e entende pouco da língua portuguesa. 14 pessoas são bilingues, falam a língua materna e português.	Na aldeia, tem 9 casas tradicionais *(Hatinae atxikwalidyo)* e 5 casas de madeiras. Nelas estão as famílias que moram na aldeia.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, 2024

A partir do quadro acima, podemos observar que na aldeia têm 18 crianças de 0 a 10 anos de idade; de 0 a 7 anos têm 10 crianças monolíngues na língua *Haliti*; 8 crianças frequentam a escola e já têm noção de falar algumas palavras do português. Em relação aos 19 adolescentes, são todos bilíngues *Haliti*-Paresi, devido todos eles estudarem no fundamental II e no ensino médio. Por este motivo já sabem dois conhecimentos, ou seja, de seu próprio povo e o conhecimento não indígena. Agora, entre os 18 adultos, têm 2 pessoas monolíngues, que só falam na *Haliti Zako*, 9 pessoas são bilíngues (pajé, anciãs, profissionais de saúde e da educação e comunidade); 7 pessoas que dominam o básico do inglês, principalmente, 5 pessoas que trabalham com a educação escolar indígena da região; e 2 pessoas que trabalham na Saúde Indígena do polo de nossa região, as quais falam *Haliti Zako*, língua portuguesa e língua inglesa, como já disse, o básico.

Na aldeia há 18 famílias, compostas por 55 pessoas. A maioria das pessoas entende e fala a língua portuguesa, porém, a língua materna continua forte em nossa aldeia.

2.1 A língua materna nas práticas culturais

As práticas culturais na comunidade acontecem, de acordo com o nosso calendário *Haliti,* como por exemplo, a roça, que é feita nos meses de junho e julho, a roçada e a queimada final acontecem no final de agosto e início de setembro. No mês de outubro, quando vem a primeira chuva, fazemos o plantio.

Cada etapa do processo é acompanhada pelas crianças e no plantio todos trabalham: crianças, mulheres e homens. Nesse espaço a língua materna é usada o tempo todo, principalmente, para ensinar as crianças plantar as sementes, as ramas de mandioca, mudas de banana, batata, abacaxi, melancia, abóbora, cará, entre outras plantas.

Figura 4: Rio Sacre, às margens duas crianças *Haliti*



Foto: Patrícia Kezonazokero, 2024

Na aldeia, têm dois portos que ficam no Rio Sacre, o porto de cima (*eheno aho*) chamado de *Weye Warekwahone*, e o porto de baixo *(ekatyaheze aho),* chamado de *Tabikwalo Warekwahone,* onde todos os dias, as crianças, junto com as mães, pais, tios, tias, avós e avôs descem para tomar banho, três vezes ao dia, enquanto as mães lavam a roupa e louças.

Nesses momentos, as crianças também falam a língua materna entre eles e com os pais. É, também, o momento em que essas crianças aprendem outras brincadeiras tradicionais, como fazer casinhas e bichinhos de barro (argila), tomam banho no rio, aprendem a nadar e mergulhar com as crianças maiores, com a língua materna viva e em pleno funcionamento. O rio e seu entorno também são um espaço de aprendizagem para nós*, Haliti*-Paresi. É a criança *Haliti* aprendendo a ler o mundo, a partir de suas vivências, na relação com o outro, como nos diz Paulo Freire "a velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço, o sítios das avencas da minha mãe, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo (Freire, 1999, p.12). Primeiro é a leitura do mundo, depois vem a leitura da palavra, da escrita.

As nossas crianças *Haliti*-Paresi vão aprendendo as coisas do mundo que as cercam de maneira livre, para depois aprender o que se ensina na escola. Nas palavras de Pedro Nazokemai, professor *Haliti*-Paresi,

> De modo geral, a educação dentro do contexto indígena se dá primeiro através do ensino informal, no qual a criança já passa a adquirir conhecimento no convívio da família e, só depois, no período da idade escolar no ensino formal, através da escola, passando a fazer parte do processo de ensino-aprendizagem das crianças (Nazokemai, 2022, p.28).

Outra prática cultural, em que a língua materna está presente, é na pesca do timbó que acontece no tempo da seca nos córregos e nas nascentes dos rios, onde as crianças, as mulheres e os homens participam para pegar os peixes, usando instrumentos como: cesto, peneira, flecha e máscara.

A caçada é outra prática cultural importante entre nós, em que a língua está em pleno movimento. A caçada da ema exige várias estratégias: numa delas, por exemplo, o caçador coleta no bornal resto de ossos de outros animais mais antigo e seco para poder levar, no outro dia, ao lugar escolhido para a caçada, perto de cabeceira ou no campo. Esse lugar é onde tem muita caça, onde o caçador observa se há batida dos rastros das emas, porque isso significa que com aquele resto de ossos vai dar uma boa caçada, para a espera no resto de osso. Maio é o mês em que as emas botam seus ovos, por isso elas ficam em grupos, onde há um macho para várias fêmeas. As fêmeas botam aproximadamente de 20 a 60 ovos num único ninho. Neste tempo, caçadores *Haliti*-Paresi caçam para poderem se alimentar de ovos de ema e, assim que acham os ovos, distribuem para a comunidade onde moram.

No tempo de larvas, no campo verde, onde há novas plantas folheando, também se concentra grupos de emas e outras aves para se alimentar. É quando o caçador avisa a outros caçadores que aquele local está bom para a caça. Assim é a caçada de ema, e todas as vezes que o caçador mata ema, essa caça é compartilhada com a comunidade local. Estas práticas de caça são as que ocorrem na comunidade *Haliti*-Paresi, principalmente, no tempo da seca do ano.

As crianças participam para conhecer os nomes dos rios, as nascentes e os lugares bons para caçar. A caça do porco do mato é sempre em grupo de adultos e as crianças que têm curiosidade sempre estão junto com os mais velhos para poder acompanhar como é caçada do porco do mato no campo limpo.

A coleta de fruta, também, é uma prática cultural que acontece quando o caçador ou alguém que sempre procura fruta no campo e no mato, avisa a comunidade da aldeia para poder coletar e indica a localidade onde tem a fruta. Os tempos de coleta de frutas são: setembro, *zohitya*-cajuzinho, *katyola*-bacava e *walotse,* outubro: *manakata, kom*a e *txifyatxi*-jabuticaba, dezembro/janeiro: *alatae*-pitomba, *kotitidyo*-goiabinha do campo, *tahore*-marmelo, *taholoe*-marmeladinha, *tohiniyo* e outras frutas do campo, do cerrado e do mato.

Na comunidade, recentemente, foram realizadas práticas de arco e flecha de adulto e de criança, a partir de 6 e 7 anos de idade. Antigamente apenas os homens podiam praticar arco e flecha, mas hoje em dia, algumas mulheres também realizam essa prática em eventos culturais. *Tidimore* é único esporte praticado por todos, desde crianças a adultos (homens e mulheres) e

jogo de peteca. As crianças da aldeia gostam muito de brincar de corrida, de esconde-esconde, de caçador de animais e, também, de jogar frutinhas no rio. Vence quem consegue pegar maior quantidade de frutinhas. Além dessas, há outros tipos de brincadeiras no cotidiano da crianças.

Na festa da menina moça (*hotxikwatidyo)* do nosso povo, quando a menina menstrua pela primeira vez, os pais e as famílias se reúnem para verificar se tem plantação suficiente para realizar uma festa de dois dias. Esse ritual envolve um longo período de organização por parte dos donos daquela aldeia, pois a menina moça fica alguns meses ou por um ano de reclusão dentro da *hati* (casa tradicional). Essa reclusão é para que ela aprenda muita coisa da cultura do nosso povo, ensinamentos tradicionais e saberes tradicionais, durante os dias que ela vai ficar reclusa na *waitsalatyako* (cabaninha de palha de palmeira) dentro da *hati.*

Ao mesmo tempo, para as crianças que não têm nome *Haliti* é o momento oportuno para o ancião ou pelo pajé dar nome a elas. E, também, aqueles que ficaram doentes precisam recuperar a saúde e a espiritualidade, e precisam trocar de nome no final da festa. Após tudo isso, os donos da aldeia, juntos com, o pajé ou ancião vão passar nas aldeia para fazer o convite na oralidade, no meio do pátio, durante uns 10 ou 30 minutos de fala. Ouçamos o convite do pajé:



É entregue o nó de corda (*fetalati)* para que os convidados de cada aldeia acompanhem até o dia da chegada na aldeia. Assim que a casa principal fica pronta, os pátios limpos, bebidas tradicionais prontas, as caças, prontas, os donos da festa convidam várias aldeias para poder festejar.

No dia da chegada, os homens, desde crianças até os velhos vão ao centro da aldeia, momento em que o primeiro ancião, à frente da turma, faz uma fala de reza e o dono da festa responde. Depois experimenta a bebida tradicional, como chicha (*oloniti*) e ganha pedaços de carne de caça com o biju. Depois vêm as mulheres, crianças, adolescentes e adultos e se faz

o mesmo ritual dos homens**.** Ao chegarem na festa, as mulheres das outras aldeias, entregam as redes para as anciãs amarrar na *hati.*(as redes são entregues somente às mulheres que sabem amarrar). É uma festa grande de dois dias, que começa com o canto de *iyamaka* (flauta sagrada) e a dança *zolane* (mulheres participam dançando junto com os homens dentro da *hati*), *zero* e *zokozokotse* (dança da flauta e de formiguinha).

No outro dia, os donos da festa organizam a raiz para benzer e dar banho na menina moça que vai ser batizada (*kayaretyati)* e nas pessoas que participam da festa, que precisam se banhar com espuma da raiz (*tomotomolidyo*). É nesse momento que acontece a corrida para um porto do rio mais próximo com a menina moça e os dois rapazes escolhidos pelos pais para dar banho nela. Ao mesmo tempo, acontece, no meio do pátio da aldeia, uma oferenda para *Enoharetse nolone* (Deus). Além disso, acontecem os jogos tradicionais, *Jikonahati* e *Tidimore,* entre os donos da festa e os convidados, durante o dia todo.

A última noite começa com o canto e dança de *zolane* e, se tiver muita gente, faz fogo no centro da aldeia. Depois de meia noite, volta com a flauta sagrada e finaliza com os cantos *txihali* e *zokozokotse*. Após tudo isso, a menina moça se prepara para sair da reclusão, receber outro nome e beber um pouco de *kazalo* (bebida extraída do líquido da mandioca), oferecido pelo convidado escolhido pelos pais da menina moça. Ela também ganha peixe com beiju (*etolokohokotykahare*). Esse mesmo ritual acontece no batizado das crianças e no ritual de cura das pessoas que ficaram doentes.

A oferenda do povo *Haliti*-Paresi envolve uma variedade de produtos da colheita nova. Também precisa de caça suficiente para realizar o ritual, mas pode ser feita uma festa pequena de um dia e uma noite. As oferendas (alimentos, bebida, caça) são colocadas no pátio da aldeia para *Enoharetse nolone* (Deus), tudo é oferecido para cada pessoa que foi batizada, que está doente e para a menina moça que recebeu o outro nome (esse outro nome é porque a menina moça passou para a fase adulta).

Todos esses rituais são praticados somente na língua materna, por meio da oralidade dos cantos e das rezas. Além da oralidade, nossa língua materna também circula na modalidade escrita nos espaços de nossa aldeia, como podemos observar no cartaz abaixo:

Figuras 5: Circulação da escrita em espaços da aldeia e no Whatsapp



Fonte: Gabriel Zokizaece e Lino Zokenazokae , 2025

No território Indígena *Haliti*-Paresi, foi recém aprovado o projeto turístico *Menanehaliti* das aldeias: Arara Azul, Formoso, Duas Cachoeiras, *Oreke*, *Kamae*, *Katyalarekwa*, *Kotitiko*, Santa Vitalina e Serra Dourada, município de Tangará da Serra-MT. E nesse contexto turístico há a necessidade da nomeação e sinalização dos lugares, espaço onde a *Haliti Zako* (língua materna) escrita, também, está presente, como podemos ver na placa abaixo:

Figura 6: Placa turística do projeto *Menanehaliti*



Fonte: Gabriel Zokizakaece, 2025

Dando continuidade ao nosso trabalho, na próxima seção (3) trato da língua materna no contexto escolar, e trago uma entrevista realizada com Ângelo Kezomae, professor de língua

materna. Antes, porém, trago aqui duas falas sobre a importância da nossa *Haliti zako*, o primeiro do pajé Maurinho e o segundo do professor Ângelo. No *QR Code* abaixo, trazemos um vídeo do pajé Maurinho Nezokie, em que ele fala da importância da *Haliti Zako* (língua materna). Vamos ouvir?



Fala do pajé Maurinho Nezokie Sobre a importância da língua materna

Haliti Zako	***Mahalitihare Zako***
Hetati, kala atyo wikinyohare terota atyo, zakoti kakwa terota, hikwahenere hikwa. *Hikwa hoka waidyatyare eye, há ezaheze natyo Wamohaliti natyo maiha nowaiyakwatyare nitere, Kamahiye tya waidyatyare kaitserehare, hatyo tya kinyohaliti, hatyotya hetati mokohenere zowa hikwahena.* *Wiyako terota maketahare wikawiyakala,ehare zeraliye,zerati, hatyota zerati,zeraliye, hatyota eye, hidyayea, hakawiyakatya hamiyatyaya hoka Enore tahitsaya hidyaye.* *Enore mazazahityakahare tyaonehena womanere. Maihya katxiyane kolohare jini ha Enore, hatyota. Enore zaore atyo hoka Imuti kwamaniya atyo hawarehare, witso wikwamaniya atyo wakawiyakahena Enore.Eye zanehere toli eye wiwaidyatyase tyotya wakawitsa hoka kahinyaehita witso, witso waidyatyarenae, eye akereze atyo, kala atyo wiyako terota maiha atyo kaketere, maiha terota.*	Desde o princípio da origem dos ancestrais e na saída já existiam língua do povo. E o *Kamahiye* é um dos ancestrais como pajé, com conhecimento macro, já conhecia o mundo pela fenda da rachadura na pedra que deu o raio e o sábio do grupo duvidava dele. A nossa língua continua na reza e não tem a diferença nos cantos, dança e o mesmo apenas os ritmos de cada um e no final você fala com Deus. O Deus criador é maior de todos para nós. E o Deus é único criador para nós, e para o não indígena é o mesmo, mas do outro modo de vida para não indígena, no momento da reza. Com estes pajés que já se foram, conectamos espiritualmente para poder ajudar nós aqui na terra. Assim que funciona a nossa língua materna, não há diferente em toda situação. Os subgrupos *Waimare* e *Katxini-Hare,* desde o princípio, já tem a mesma língua. Assim funciona, a nossa língua não é diferente, agora os

Eye ezahe Waimare, Katxiniti-Hare wiyako terota atyo tyaonita atyo nali, tyaonita atyo nali hare, eye akereze atyo wiyako maiha atyo kaketere, Imuti atyo, Imuti tererota tyaonita hetati zowakere. *Kakawa atyo widyaene ehare wihinyahare kidyakwane tyaonitere, zanetere, ehare waheta maniya zanetere atyo kakawa hoka, kakawa hoka, witso waiye Akitiyerenae tehitiya wiyakawaite Akoakitirenae akere wiyakawaitene, ehare, hoka wamokatsetya hoka hatyozema wakawihitita, hatyo zema eye hatehitiya wiwaedyatyatse eyehitita witso. Eye akere atyo.* *Zoare hiyeta hita, zoare hiyeta ala kakawa?* *Ehare wikawiyakala, widyaene, wiyakawatita hoka, maiha hamaniya kakwa, ezahe ehare wawenane. Witso ozakita wawayoreterenae wakakawatita widyaene hoka maiha, wakakawaita hidya ene hoka wityotya widyae eta maitsekoharetere tahi hatyo widyae eta.*	não indígenas, também, desde origem, já têm sua própria língua. Com nossa fala e reza, as pessoas que estão doentes, de espirito fraco, que não estão entre a gente, nós que estamos aqui na terra, também gostamos das pessoas e, por isso, pedimos a proteção durante a oferenda. Com isso, chamamos de volta o espírito e alma da pessoa, e o pajé traz de volta fortemente, com saúde a pessoa que ficou doente. Assim que funciona. Por que será? Por que é importante? No momento da oferenda acontece a reza, a fala, que gostamos muito, não com outro lado de sentimento, além disso faz parte da vida. Nós que crescemos, desde criança aprendemos nossa cultura que sempre gostamos da nossa fala ou da língua. Sentimos saudade de falar nossa língua materna, por isso, quando você fala, todos nós falamos para a pessoa que não está bem de saúde e durante a reza, dizemos da recuperação de estado da pessoa.

Agora vamos ouvir a fala do professor Ângelo Kezomae sobre a importância da língua materna em nosso contexto social e nossas práticas culturais:



Fala do professor Ângelo Kezomae definição da importância da língua materna *Haliti*

Haliti Zako	**Língua Porttuguesa**
Nowayanyaho atyo idyaeyeti,kakawahare. *Ehare idyaeyeti hiyeta atyo wenati tyaonita.* *Ehare wawenane.* *Ehare wihatene.* *Ehare wihana.* *Ehare wihotyali kakwa wikaotsene.* *Tyotya.Ehare kidyakaharenae, nowaiyanyaho idyaeyeti tyaonita.* *Ehare zerati, há, zaotyakiye atyo, zaotyakitsati aho idyaeyeti zane tyaonehetita, hatyo hiyeta atyo, nozotse waiyani aho atyo wiyoimalanae waotyakitxita waiyoreha witahiyakahere tahi, tahi tehitiya tsemaha.* *Ehare zakaehakere, aliyakere zamani kalini kitxiyehena tyaonita.* *Ehare idyaeyeti, hoka hatyo, nozotse waiyane atyo hatyo idyaeyeti: wenati,idyaeyeti,hateniti,zakaehakere,zerati,zeraliye hatyonae atyoite kakawahare idyayeti tyaonita.* *Nozotse waiyane aho, natyo zaotyakitsatiye, ehare wawenane, wikyaotsene aho, wimakene aho atyo tyaonita idyayeti, maiha atyo hatita jini tyaonita hatyo atyo ala idyaeti awayekehalakaeta.*	Na minha visão a língua materna é importante. Da fala vem a vida. Da vida. Do trabalho. Da casa. Da vida cotidiana da comunidade. A compreensão que tenho da língua é que em todos os animais estão a fala. Do cântico, ensino e aprendizagem se forma língua ou fala, com isso, ensinamos nossas crianças na nossa cultura, para ter conhecimento sobre seu povo. Da história, vem a comparação como era vida do povo no passado e como está no presente. A definição que tenho pela fala ou língua: Vida, língua, trabalho, história, canto, reza que é importante na língua materna. No Geral, na minha concepção como professor, a língua materna esta presente na nossa vida cotidiana , todos os dias, ao definir a palavra não é só uma língua e vai além da explicação.

2.2 A língua materna no contexto escolar

A Educação Escolar Indígena *Haliti*-Paresi do município de Tangará da Serra-MT, atende 05 polos: E.I.M. Cabeceira do Osso, com 4 extensões, E.M.I. Cabeceira do Sacre, com 5 extensões, E.I.M Formoso, com 1 extensão, E.M.I. Zatemana, com 2 Extensões e E.M.I Zozoiterô, com 3 extensões. Cada polo tem seu coordenador local, quadro de profissionais da educação escolar e alunos. A Secretaria Municipal de Educação-SEMEC inseriu na matriz curricular das escolas, no lugar de Ensino Religioso e da Língua Espanhola, 01 aula de Língua Materna *Haliti* e História Indígena.

Depois com tempo, os professores *Haliti* se reuniram para definir a carga horária da Língua Materna, aumentando para 2 horas semanais e 01 de História Indígena. Tudo isso foi aprovado, devido à luta do grande líder do nosso povo, o cacique João Arrezomae (*in memorian*), que teve a preocupação com as novas gerações, em defesa de nossos direitos.

E nesse contexto da educação escolarizada, é necessário que nós, professores indígenas, sejamos protagonistas nesse processo, desenvolvendo metodologias de ensino, considerando nossas pedagogias próprias. Nesse sentido,

> [...] a educação escolar indígena atual, protagonizada pelos povos e professores indígenas, tem um papel fundamental de desenvolver um currículo em que os saberes tradicionais e os conhecimentos tradicionais do povo Haliti-Paresi estejam presentes na escola (Zonizokemairô, 2022, p.45).

Para falar um pouquinho mais sobre o ensino de língua materna em nossa escola, trago o depoimento do professor Ângelo Kezomae. Ele é formado em Licenciatura Intercultural Indígena, área de "Línguas, Artes e Literatura", possui Especialização em Educação Escolar

O professor Ângelo Kezomae sempre atuou na área de língua materna do povo, já ajudou na comunidade Indígena, ambos pela Faculdade Indígena Intercultural, da UNEMAT, campus de Barra de Bugres-MT, trazendo discussões sobre a importância da oralidade e da escrita. Produziu materiais com registros dos nomes de animais, lugares, rios, localidades e histórias do nosso povo. Sempre busca com os mais velhos e anciãos das aldeias os conhecimentos tradicionais para levar para o espaço da escola. E também sempre está compartilhando trabalhos com os outros professores das outras escolas.

Passamos à entrevista:

1. Há quanto tempo é professor de língua materna?

Durante 22 anos de trabalho na Educação Escolar Indígena, tive bastante experiência de trabalhar com a língua materna do meu povo, sempre pensando na importância de valorizar e ensinar nossa língua *Haliti* na escola.

2. Para você, qual é o principal objetivo do ensino de língua materna na escola?

Para ensinar sobre a cultura do nosso povo, como vivemos, como é organizada nossa aldeia, lideranças, cacique, e outros profissionais. O contato com a natureza e registrar através da escola as ferramentas e objetos do povo. Que hoje nas escolas e no matriz curricular tem 2

aulas de Língua Materna e uma de História Indígena *Haliti*-Paresi para nos trabalhar como era antes e como está na atualidade.

3. Os alunos têm dificuldade na escrita em língua materna?

Tem sim, no momento da escrita que diferente da fala e na ortografia da língua materna *Haliti*-Paresi, principalmente, os alunos iniciantes. Os mais avançados no estudo tem habilidade na escrita e na fala.

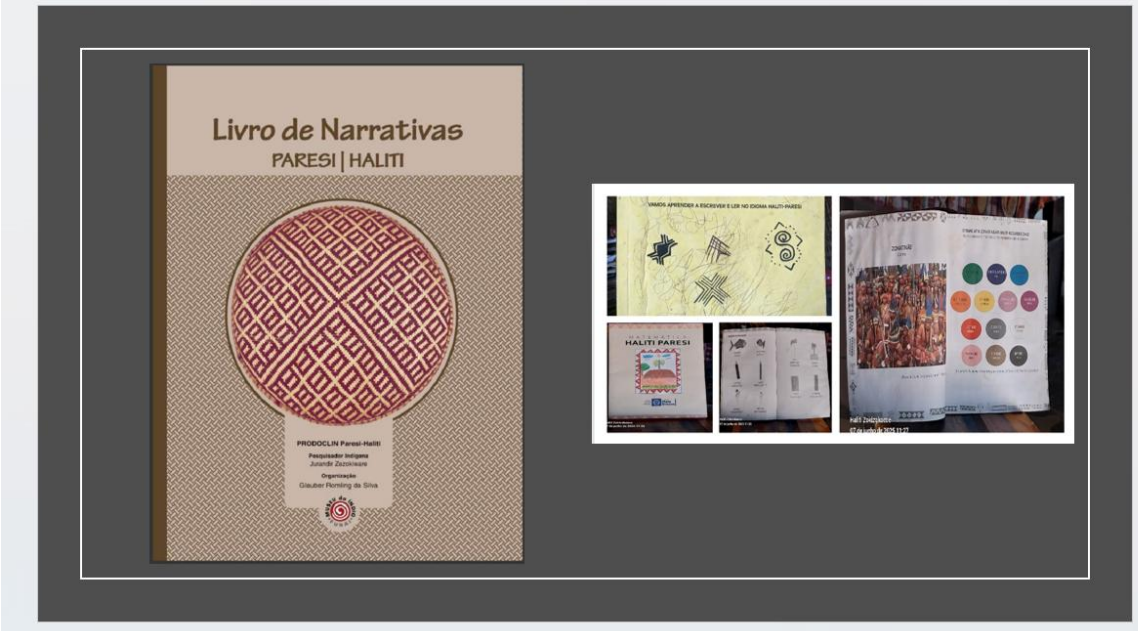
4. **Como você trabalha com a língua materna na escola?**

Trabalho com os alunos contando história do origem do povo *Haliti*-Paresi, história do povo e outras histórias na oralidade e na escrita, durante ensino na escola para que os alunos tenham conhecimento tradicional e saberes do seu povo.

5. **Que materiais didáticos você utiliza para ensinar seus alunos?**

Pesquisa de ancião das aldeias e do pajé, também alguns livros que já foram publicados na universidade, principalmente, da Unemat de Barra do Bugres, na época de 3° Grau Indígena, hoje FAINDI, projeto de magistério intercultural *Hayô*, entre outros, sobre o povo e as histórias. Esses materiais ajudam bastante no trabalho de ensino com nossos alunos na escola da aldeia. Abaixo apresento parte de alguns desses materiais:

Figura 7 : Recorte de alguns livros na língua *Haliti*



Fonte: Escola Indígena Malamalali , 2025.

Eu, como professor-pesquisador, durante a entrevista do projeto, tive a honra de coletar os dados importantes com o professor que tem experiencia de trabalho com a língua materna na Educação Escolar *Haliti* e também morador da aldeia Kolidiki. É um professor que contribui para o povo *Haliti*- Paresi com seu saber e conhecimento tradicional, junto com conhecimento não indígena. Além disso, contribui muito para o ensino de língua materna em nossas escolas e colabora muito com os acadêmicos e acadêmicas que precisam de ajuda nos trabalhos escolares, da universidade, na elaboração de livros e na revisão da grafia de nossa língua. Também tive novas experiências, além da minha pesquisa, com ele, a respeito de como é tão importante o registro e escrita da língua materna do meu povo. Ele me ensinou e ensina que pesquisar vai além do que você imagina, que é necessário fazer registro, a partir da oralidade, para as novas gerações do nosso povo.

Quanto à grafia de nossa língua, ela foi desenvolvida ao longo do tempo, especialmente a partir do contato com pesquisadores e missionários, e continua a ser aperfeiçoada, por exemplo, quando professores *Haliti* cursavam Licenciatura Intercultural pela Unemat, em Barra do Bugres, entre 2008 e 2009. Os alunos da Escola Municipal Indígena Zozoiterô e alunos do ensino médio da Escola Indígena Básica Malamalali na aldeia Rio verde, também participaram da elaboração dessa grafia. Em 2010, o professor Rony Walter Azoinaece, publicou um material didático na língua *Haliti* (variante Kozarene) com o apoio da UNEMAT.

Até aqui tratamos da língua *Haliti* em nossas práticas culturais, cotidiano da aldeia e no contexto escolar. A seguir, relato minha prática pedagógica desenvolvida ao longo de meu trabalho de ensino e de pesquisa.

3 DA AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA AO PRODUTO EDUCACIONAL

Antes da minha prática pedagógica e com o tema definido, ou seja, história *Haliti*-Paresi (*Zakaehakere*), elaborei o planejamento para a execução do meu trabalho pedagógico em sala de aula.

Um dos objetivos de minhas aulas foi ampliar a habilidade de leitura e de escrita das crianças em língua materna, porque é em torno da leitura e escrita que devem se organizar os trabalhos pedagógicos nas escolas (Brasil, 1998). É preciso despertar o interesse para a escuta de nossas narrativas tradicionais, pois, a partir delas, nossas crianças aprendem o respeito pela natureza, a valorização de nossos saberes ancestrais, além de outros aprendizados.

Considero nossos saberes ancestrais uma grande riqueza que serve como base para nossa educação escolarizada, pois, como nos diz Paulo Freire, "não há prática pedagógica que não parta da concretude cultural e histórica do grupo com quem se trabalha. Esse é o princípio fundamental dessa pedagogia, serve lá também. É absolutamente autêntico lá" (Freire, 1982, p. 24).

Compreendo que é preciso valorizar a nossa realidade, nossa cultura, nossa cosmologia, levar em conta os conhecimentos e as experiências de vida de nossos alunos e as nossas vivências socioculturais. Só assim, estaremos, de fato, caminhando em direção a uma educação escolar específica e diferenciada, do nosso jeito. É um direito previsto na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 210, parágrafo 2º, onde diz que é "assegurado às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem". E, também, no artigo 231, em que assegura o direito a nossa organização social própria, nossos costumes, nossas línguas, nossas crenças e nossas tradições.

São direitos assegurados na Constituição, mas que precisam ser respeitados em sua totalidade, porque "a educação escolar indígena específica e diferenciada e bilíngue é a principal ferramenta que contribui para que as escolas Haliti-Paresi mantenham viva sua identidade cultural, sua cultura tradicional e sua essência como povo Haliti-Paresi" (Zonizokemairô, 2022, p.46).

Nesse sentido, a contação de história, como metodologia proposta, contribui para o fortalecimento de nossas práticas de oralidade em língua *Haliti, pois e*nvolver nossos anciãos nesse processo é muito importante, pois o elo entre educação *Haliti* e educação escolar *Haliti* se dá nessa relação dialógica com nossos saberes tradicionais. É fundamental essa conexão porque as práticas de oralidade são a base para o nosso ensino em sala de aula, é uma troca onde

se fortalece nossos saberes ancestrais, como também, nossa educação escolar. É um fazer pedagógico respeitando nossa pedagogia *Haliti.* Nesse sentido,

> Os momentos e atividades de ensino-aprendizagem combinam espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros; são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas (Brasil, 1998, p. 23).

E para dar andamento a nossa proposta de trabalho e pesquisa, organizarmos nossa ação didático-pedagógica, conforme descrevo a seguir:

Num primeiro momento, apresentei meu projeto para a comunidade, durante uma roda de conversa na minha aldeia, na casa da senhora Rosângela Zanezokero que teve a presença de cacique, professores da aldeia, pajé, anciãs, alunos e crianças da aldeia. Expliquei a todos sobre o tema do meu trabalho de pesquisa e de ensino, falei sobre a importância das histórias narradas oralmente e da escrita dessas narrativas. Expliquei que iria precisar da colaboração dos nossos anciãos e de nossas anciãs, sabedores de nossas histórias. Falei da importância da pesquisa, que pode contribuir para a aprendizagem dos alunos nas escolas do nosso Território, quanto nas escolas de outros Territórios *Haliti*-Paresi, de outras regiões. Assim foi a primeira etapa de minha pesquisa, momento em que apresentei o projeto para a comunidade, conforme imagem abaixo:

Figura 8: Apresentação do projeto para a comunidade



Foto : Gabriel Zokizakaece, 2024

As imagens que trago adiante retratam o momento em que o pajé e sua esposa estavam falando sobre a importância das histórias de nosso povo e que precisam ser registradas para as futuras gerações.

Figuras 9 e 10: Pajé Maurinho e e sua esposa Rita



Fonte: Gabriel Zokizakaece, 2024

No segundo momento desse percurso didático-pedagógico, nos preparamos para a atividade de contação de histórias, que precisa ser bem planejada. Então, organizamos antes esse momento com a senhora Rosângela Zanezokero, que aconteceu dentro da *hati,* ao anoitecer. Nesse dia, ouvimos a narrativa *One Morehenere zowkiya zoimahaloti zaka* (Menina moça durante o dilúvio). Participaram desse momento as crianças da aldeia, que ficaram bem quietinhas e atentas, ouvindo a história na língua materna. Ao final, todas queriam ouvir outras vezes. Foi um momento bastante interessante para as crianças e para nós, porque:

> Por meio de histórias, dos cantos sagrados, dos mitos de origem transmitidos nas rodas em frente ou dentro das casas tradicionais, no grande pátio, no caminho da coleta, da caçada e das pescarias é que melhor se compreende o conceito do saber ancestral. Nisso tudo, e em muito mais, é onde acontece o Letramento Literário Indígena (Fernandes & Batista, 2022, p.27).

Ouvir e aprender nossas narrativas é uma forma de avivar nossos conhecimentos ancestrais, como também, para nós, uma forma de ensinamento para nossas crianças. Envolver a comunidade nas atividades da escola é uma forma de valorizarmos nossa educação tradicional e fortalecer nossa educação escolar Haliti, uma vez que a oralidade é a base fundamental para

o ensino da leitura e da escrita, em língua materna, na escola, portanto, um trabalho coletivo importante e necessário.

A senhora Rita Kaizokero nos diz o seguinte: *Nossas narrativas tradicionais são muito importantes na nossa cultura, desde a nossa infância até a adolescência, pois aprendemos, com elas, a respeitar a natureza, saberes tradicionais, práticas culturais, espiritualidade, intelectual, benção e rezas tradicionais. As histórias são transmitidas pela oralidade, principalmente, à noite, para poder ouvir silenciosamente, prestar muita atenção na contação. Assim nós aprendemos na nossa infância com nossos avós e com nossos pais, e levamos para a nossa vida, e continuamos repassando estes saberes que foram repassados para nós.*

Figura 11: Crianças que participaram da atividade de contação de história



Fonte: Rodinei Zoloizokie, 2024

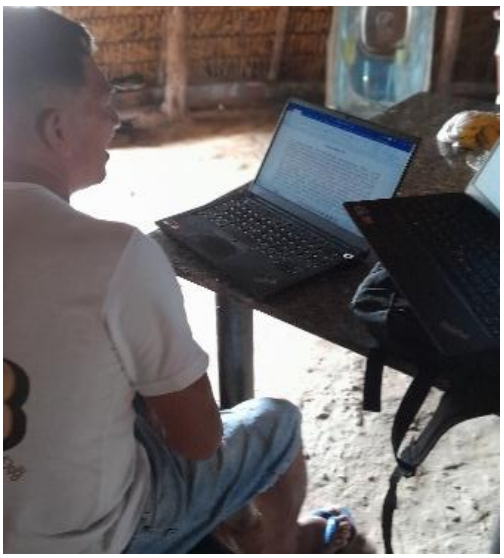
Num terceiro momento, após as narrativas gravadas, nos organizamos para a transcrição e registro escrito das histórias. As narrativas foram gravadas em áudio, no celular, sempre com o acompanhamento das crianças, pois as histórias foram contadas para elas. No momento da transcrição, foi preciso ouvir várias vezes o áudio para fazermos a escrita.

Num quarto momento, após finalizarmos a transcrição das narrativas, tivemos a colaboração do professor Ângelo Kezomae para a revisão e correção das histórias. Esse trabalho de reescrita foi realizado no final de semana, acompanhado pelo professor Ângelo que fez a correção da grafia, ortografia, analisando a minha escrita, de acordo com o que foi contado e coletado. Fizemos a correção das narrativas, *Zanekwarenae zaka* (Os caçadores), *Txini*

wazolahatya zoaha zaka (A onça e o jabuti) *e Hoze zekohatsehare zaka* (O dono do porco do mato). Após correção e os textos organizados, passamos para as etapas seguintes.

As imagens abaixo são um registro do momento de nosso trabalho de revisão escrita das narrativas.

Figuras 12 e 13: Correção da grafia na língua materna com o professor Ângelo

Fonte: Patrícia Kezonazokero, 2024

No quinto momento, passamos para a ilustração das histórias com o aluno Gabriel Zozizakaece, do 9º ano do ensino fundamental, um excelente desenhista e ilustrador. Gabriel fez a ilustração, conforme a história de cada narrativa, ilustrando os personagens, trabalho que durou três meses: agosto, setembro e outubro de 2024. O processo de ilustração também contou com a ajuda de duas pessoas da comunidade, principalmente, na parte da pintura: Patrícia Kezonazokero e Anderson Kezomae

Figura 14: Um dos momentos do trabalho de ilustração das narrativas



Fonte: Ana Gabrielly Zanezokero, 2024

Antes de iniciar o trabalho de ilustração, conversei com meu filho Gabriel Zokizakaece, explicando sobre a importância do meu projeto, e pedi a ele apoio para ilustração das narrativas. Depois procurei outras pessoas da aldeia, para colaborar na pintura dos desenhos também. Sendo assim, última semana de agosto de 2024, iniciamos a ilustração das narrativas, com término na primeira semana de setembro. Também consultei vários materiais na internet sobre literatura infantil indígena, com a finalidade de ver a organização textual das narrativas, o formato dos livros, capa e as ilustrações, conforme imagem abaixo:

Figura 15: Figura 1: Capa de livros de literatura infantil indígena



Fonte Internet (acesso 2025)

Dando continuidade a nossa prática pedagógica, desenvolvemos atividades em sala de aula para a ilustração das histórias, pelas crianças, com a colaboração de mais duas pessoas da comunidade. Para o espaço escolar, levei material mostrando para as crianças a importância das histórias e desenhos dos personagens para colorir. Levei materiais pedagógicos como: lápis de cor, folha A4, cartazes para trabalhar, foi muito legal para as crianças que gostaram de ouvir as histórias com ilustração.

Na primeira semana de outubro de 2024, nas dependências da Escola Municipal Indígena *Kolidiki*, pedi autorização da professora Rosineide Nezokenazokero, que leciona para turma, para mostrar meu projeto de pesquisa para os alunos dela. Preparei os materiais pedagógicos necessários e, no outro dia, fui à sala de aula e expliquei para as crianças a importância das nossas histórias. Também levei materiais pedagógicos para trabalhar com as crianças, que gostaram de ouvir as histórias com ilustração. Elas demonstravam curiosidade em saber o que aconteceu depois do final da história. Assim dialoguei com as crianças sobre a história contada e, em seguida, passei uma atividade individual, pedindo a elas que fizessem uma ilustração da narrativa. Após finalizarem a atividade, pedi que cada uma explicasse, na língua materna, o desenho que fez e o que aconteceu com a menina moça quando o dilúvio passou. Assim, cada uma explicou o que fez e foi emocionante ver cada um falando e explicando o que fizeram na sala de aula.

Figuras 16 e 17: Alunos de 1° ano ao 5° ano-E.M.I.Kolidiki





Fonte: Gabriel Zokizakaece, 2024

Em seguida, as crianças apresentaram seus desenhos, dos quais destaco três que apresento abaixo:

Figuras:18,19 e 20: Desenhos dos alunos e alunas da E.M.I.Kolidiki



Fonte: Lino Zokenazokae, 2024

E dando continuidade a essa atividade, organizei um momento para as crianças falarem sobre os seus desenhos que fizeram, a partir da história contada pela senhora Rosângela Zanezokero. A seguir, trago as imagens desse momento, seguido de um quadro com a explicação das crianças.

Figuras 21, 22 e 23: Alunos na apresentação das ilustrações das historinhas



Foto: Rosineide Nezokenazokero, 2024

Larissa Keila Zanezokaeroce - 3° ano	*Awaikehalakatya haomane tahi morehenere natxikini eta.* *Eneye inityo zoaha kaokehetaha haitsani ana*	Explicação: Depois do dilúvio e salvamento da menina, quando os pais deles chegaram, organizaram uma festa

	hoka ahekotyaha kaoloneha maheta hoka tyomaha haitsaniha hitsehalo ahikwahenahitene maheta hoka hatyo natxikinita mainikereta ehalahareha emiyane.	para que a menina saísse da reclusão, dentro da *hati,* onde fica presa e depois ficaram felizes para sempre.
Fabio Wenzo Lima Anaizokae-3° ano	*Awaikehalakatya haomane tahi zoimahaloti txiya natsehalo oloniti tyomitere hiyeta, maiha zoana heko hatyako fidyakore oloniti kakwa, hatyo hiyeta, kotaza zekohatsehare atxiyakihalote.*	Explicação: A menina foi salva, devido fazer bebida tradicional chicha, que nunca faltou na casa, se não fosse isso, não seria salvo por dono do esteio do meio da *hati.*
Zoke Cristian Zokenazokae-3°ano	*Awaikehalakatya haomane tahi zoimahaloti neye nityo zoaha halaitsa haitsani hotxikwatidyo hatxikini maniya hawawa halo hakahalotyoa, hoka hatya ekazaekotyatse maiha zoanaheko maotyanezene tyomitere oloniti oliti mokitere kotaza kinyo hiyeta.*	Explicação: Quando os pais da menina moça a deixaram, ela ficou apavorada por ficar sozinha, mas alguém não esqueceu ela por sempre lembrar de enfeita o esteio do meio da *hati* com chicha, fumo e caça assado ou frito, que é o dono do esteio do centro *(kotaza).*

Outra questão que me chamou a atenção, durante a contação da história, *One Morehenere zowkiya zoimahaloti zaka,* (Menina moça durante o dilúvio) foi referente a algumas palavras que aparecem na narrativa. Foi um momento em que tive a oportunidade de aprender e compreender, por exemplo, o nome da fruta bocaiúva, que não sabia. Também descobri que a tradução de língua materna é *haliti zako.*

Foram questões sobre a língua que achei importante explicar na sala de aula para os alunos. Assim, perguntei a eles o que era *tsakorekatse,* termo que aparece na narrativa. Eles ficaram em silêncio, pensaram um olhando para outro, mas disseram que nunca tinham ouvido essa palavra. Então, expliquei a eles os significados abaixo:

Tsakoretse: apenas a semente da palmeira bocaiúva

Tsakoredi: fruto inteiro com casca

Tsakorekatse: estrutura do pé de bocaiúva

Quadro 2 : Descrição linguística

-kate	Um pé de bocaiuva	tsakore**kate**	Uma árvore
-katse	Objetos altos e compridos	tsakore**katse**	Pessoa alta, poste de casa, comprimento da vara
- di	Uma fruta redondo, esfera	tsakore**di**	Uma fruta redondo (bola)
-tse	Objeto pequeninho (diminutivo)	tsakore**tse**	Pequeno sementes; bocaiuva feijão, arroz, milho
-na	Uma folha comprido e plana	tsakore**hana**	Uma folha fina, comprido e plana
-we	E um espinho fininho	tsakore**newe**	Um ponto fininho e afiado
-za	É um líquido	tsakore**za**	Suco e outros líquidos
-tya	Uma casca	tsakoretya**tya**	Formato de escama; peixe, pente, chinelo
-he	Substância em forma de pó	tsakore**he**	Massa de mandioca, sabão em pó, terra
-hotse	Um formato de objeto cilíndrico	tsakolidi**hotse**	Forma de sobrecoxa de frango, trilha, vara
-winya	É um nascente	tsakore**winya**	Respiração: de um coração, relógio, pressão
-kwa	É um plano	Tsakore**kwa**	É um pátio da aldeia, rede,cama, roça,céu,chapadão

Quadro elaborado por Lino Zokenazokae e Ângelo Kezomae, 2025

Aqui temos uma situação de como podemos explorar o ensino da língua (gramática) em sala de aula, explicando aos alunos e alunas, a formação de palavras na língua *haliti zako,* por exemplo. No entanto, é importante o professor ou professora se atentar para o nível de ensino em que poderá fazer tal abordagem. Mas o que eu quero mostrar, com isso, são as possibilidades de atividades que podemos planejar e explorar a partir dos textos. No apêndice, por exemplo, também, trazemos um glossário em *Haliti Zako,* a partir do qual podemos explorar o léxico da língua.

Na Educação Física, por exemplo, utilizei uma metodologia, de acordo com as histórias, utilizamos espaço perto da escola, varas para fazer riscos, papel para escrever e anotar os pontos, selecionando os nomes dos animais, rios, caçadores, na língua materna (*Haliti Zako), one* (água) ou *hotxikwatidyo* (menina moça). Nessa atividade lúdica, as crianças ficam numa fila, os maiores na frente e os menores atrás, depois fazemos um treino de 6 vezes, e quando o professor dita *one* os alunos têm que pular para o lado que professor falou. E a mesma coisa acontece para a palavra *hotxikwatidyo*, e, após isso, começa a brincadeira. É preciso levar a sério a eliminação dos alunos durante a citação das palavras, e o último que ficar será o ganhador da partida. Essa brincadeira pode ser individual ou em grupo, isso vai depender do número de alunos que tiver. A criança que errar vai sendo eliminada, e a última que restar ganha a brincadeira. Assim encerramos com sucesso nossas atividades com os alunos e com a professora da turma multisseriada. Abaixo trago uma imagem da brincadeira que realizamos:

Figura 24: Brincadeira *Halaitsoati (One* x *Hotxikwatidyo)*



Foto: Rosineide Nezokenazokero, 2024

Regra da brincadeira: o professor falar na língua materna *one* ou *hotxikwatidyo*, e as crianças têm que pular no lado certo. A criança que errar vai sendo eliminada, e a última que restar ganha a brincadeira.

E foi nesse processo de ensino e aprendizagem, a partir das narrativas registradas que elaboramos nosso produto educacional, ou seja, nossa coleção de livrinhos ilustrados. Foi um

material produzido a cada passo da pesquisa, desde a contação de história, processo de ilustração, momento das atividades com as crianças. Enfim, tudo de forma coletiva, envolvendo todos os atores desse percurso de ensino e pesquisa.

Abaixo, trago a relação das quatro historinhas registradas, e a explicação de cada uma delas feita pelo senhor Maurinho Nizokie, pajé da aldeia Kolidiki, de acordo com nossa cultura.

O produto educacional, resultado dessa prática pedagógica, virá, em anexo, nesta dissertação.

Histórias	Importância de aprender, a partir das histórias, o respeita à natureza (específico para meu povo *Haliti*-Paresi).
One Morehenere zowkiya zoimahaloti zaka (Menina moça durante o dilúvio)	Na história conta que a menina moça é muito respeitada, quando faz a chicha de polvilho de mandioca ou de milho. Essa chicha é colocada no meio do esteio da casa e é oferecida para dono do esteio do meio, quando ele não tem a flecha sagrada, *txihali* e *zero*. Além disso, de acordo com essa narrativa, somente as meninas moças podiam fazer as bebidas tradicionais. Por isso, que até hoje esses saberes são repassados para as novas gerações.
Zanekwarenae zaka (Os caçadores)	Para caça dos animais, existem várias estratégias, se for para caçar só para beneficiar a comunidade ou família, mata-se pouco, é limitado. Na realização da festa é que a caça é grande para poder atender todos os convidados. O mais importante tem de oferecer e, também, não pode desperdiçar a caça, porque o dono dos animais não vai gostar e pode dar o castigo.
Txini wazolahatya zoaha zaka (A onça e o jabuti)	Na vida dos animais, cada um tem seus hábitos de procurar seu alimento, andar, rastejar, habilidades de viver no meio da natureza. Então, com esta história, podemos respeitar o próximo e a diversidade da sociedade no mundo.
Hoze zekohatsehare zaka (O dono do porco do mato)	Os animais que vivem em grupo têm seu dono próprio, que são guiados na natureza, principalmente, nas matas concentram os porcos para procurar seus alimentos no dia a dia. E nesses lugares tem que ter muito cuidado na hora da caça, porque o dono dos animais pode se sentir incomodado com a presença na área ou por perto. Por isso, é

	muito importante que saiba se benzer, na cultura *Haliti*- Paresi.

Como havia mencionado na introdução desse trabalho, as narrativas nos possibilitam trabalhar diferentes áreas do conhecimento, em conexão com nossos saberes tradicionais, conhecimentos estes que, desde o princípio da história do nosso povo, o grande líder *Wazare* e seus irmãos deixaram para nós, *Haliti*-Paresi, que apresento a seguir:

Kolaliye (Geografia): o mundo, nomes dos rios, nascente e cabeceiras, lugares, matas e outros;

Zakaiyahere (História): Deus e seus dois filhos, ponte de pedra, origem do povo, os irmãos de Wazare e seus descendentes, subgrupos e outros povos durante a saída do povo *Haliti*-Paresi e outros;

Fetalati (Matemática): medir o tempo pelo sol, vento, época de flores, frutas, época de filhote de animais, chuva e seca, contagem de números pelas varinhas, pedras, cordinhas com nó, pelo dedos das mãos e nas pedras utilizando carvão, adição, multiplicação e divisão em vários setores de vivências do cotidiano do povo;

Waiyoliniti (Ciências da Natureza); nome das plantas do cerrado, campo e matas, animais do campo e da mata, receitas tradicionais do povo, corpo humano, saúde indígena Haliti-Paresi e educação;

Omati (Arte): *Towakaihore* é rei dos trançados das peneiras, do bacará, do cesto utilizando variações do cipós resistentes da mata, variação de artesanatos do povo, pintura e grafismos, construção da hati, fibras de tucum para fazer corda e fazer rede, trajes masculino e feminino;

Kawenanezenae (Biologia): Todos os seres que tiveram a vida na terra para compor a natureza;

Eketa (Química): chicha mandioca, arroz, milho, abacaxi na cabaça, que conforme o tempo, a bebida fica muito azeda e doce, liquido da mandioca como *Kazaloza* e *enikilini* extraídos do líquido para consumir.

Assim, são as "disciplinas" tradicionais do meu povo, ensinadas por meio da oralidade e que já existem há muito tempo. E para finalizar o relato de minha prática pedagógica, quero apresentar a turminha que participou de todo esse percurso de ensino e aprendizagem de língua materna comigo. A maioria desses alunos já é alfabetizado na língua materna e, também, já sabem ler e escrever na língua portuguesa.

Figura 25: Turma no encerramento da prática pedagógica



Fonte: Rosineide Nezokenazokero, 2024

3.1 A prática pedagógica sob o meu olhar

A realização da pesquisa sobre as histórias *Haliti*-Paresi nos anos iniciais do ensino fundamental possibilitou para mim reflexões sobre o ensino escolar Haliti-Paresi, protagonismo para pensar e planejar minha prática pedagógica, considerando nossa pedagogia própria. Somado a isso, possibilitou que eu pensasse e produzisse uma material paradidático, em coletividade, a partir de nossas narrativas míticas, especialmente, para crianças. Um desejo antigo meu de produzir esse material e que agora foi concretizado e que poderá ser utilizado com alunos da aldeia Kolidiki.

Quero deixar registrado que não foi um trabalho individual, pois pude contar com a contribuição e colaboração dos anciãos, anciãs, dos alunos, da família, de outros professores da escola, como por exemplo, a professora Rosineide Nezokenazokero que atua na educação escolar indígena da aldeia.

Posso dizer que foi uma experiência em que puder explorar vários conhecimentos, ao trabalhar com nossas narrativas, partindo dos nossos saberes tradicionais. E aqui retomo Paulo Freire que diz que ”não há prática pedagógica que não parta da concretude cultural e histórica” (1982, p. 24). Ou seja, tudo faz sentido quando trabalhamos, a partir de nossos conhecimentos, num diálogo entre educação *haliti* e educação escolar *haliti.*

Na próxima seção, apresento uma sugestão de atividade escolar, a partir de uma das narrativa que compõe nosso produto educacional, resultado desse percurso didático-pedagógico, que virá em anexo nesta dissertação.

4. SUGESTÃO DE ATIVIDADES COM NARRATIVAS ORAIS

Para complementar essa experiência didático-pedagógica, apresento, a seguir, uma sugestão de atividades, a partir de uma das narrativas que compõe este trabalho. Mas antes, quero reforçar que as nossas narrativas desempenham um papel importante na nossa pedagogia *Haliti*, porque elas trazem ensinamentos para nós. As histórias tradicionais *Haliti* não trazem apenas uma simples narrativa, pois "não são apenas para ser contadas, mas sim para transmitir os saberes e os conhecimentos" (Zezokiware, 2023, p. 24).

Ainda citando o autor Zezokiware, sobre nossas narrativas míticas, ele nos diz o seguinte:

> As narrativas do Haliti sempre vão narrando as questões de cosmologias das origens na qual ele acredita e respeita. Através das narrações os Haliti se reencontram nas memórias, ancestralidades e as tradições. São suas identidades as conexões do seu povo e da sua própria existência. As narrativas se manifestam por meio oral, uma narrativa que tem seu próprio ritmo e da sua melodia. Através das narrações vai mencionado os territórios e os espaços físicos onde as divindades residem (Zezokiware, 2023, p.24).

As narrativas *Haliti* trazem nossa cosmologia, elemento muito importante para nosso povo, porque elas explicam a origem das coisas, como plantas, animais, a nossa própria origem, enfim, é a explicação do Universo para nós.

Durante minha pesquisa, li um texto na internet[2] (Mitos indígenas para crianças), do Daniel Munduruku, publicado em 2016, onde ele diz que "o mito é um método pedagógico de narrar os acontecimentos. Os feitos naturais e sobrenaturais que comumente estão presentes em nosso mundo sempre causaram espanto, admiração e a necessidade de uma explicação racional".

Para nós, *Haliti*, como eu já disse antes, as nossas narrativas narram os acontecimentos e, ao mesmo tempo, nos trazem ensinamentos sobre as coisas do mundo. Por isso, ao levarmos nossas narrativas para a sala de aula, não podemos nos limitar a ensinar somente os conteúdos escolares, a partir delas, mas ir além, ou seja, mostrar aos alunos que nelas estão presentes toda nossos saberes, nossas memórias ancestrais, nossa identidade como *Haliti*-Paresi.

Quero fazer aqui uma observação em relação ao termo Mito, empregado por Daniel Munduruku, pois para nós, Mito é como se não tivesse verdade nos fatos passados. Nós

---

[2] Disponível em: https://www.contioutra.com/mitos-indigenas-para-criancas-daniel-munduruku/#goog_rewarded

acreditamos nos ensinamentos tradicionais e saberes que sempre estão presentes nos cânticos, nos momentos da preparação da festa, na oração, na benzeção, na pajelança e na vivência cotidiana do povo. Para nós, nossas narrativas são sagradas e verdadeiras, pois elas explicam a origem do mundo, dos seres, dos costumes e das leis que regem a vida. Elas são fundamentais para a compreensão da nossa cosmovisão e da nossa identidade, porque trazem explicações sobre a nossa criação, nossa relação com a natureza e a nossa organização social.

Wazolahatya, fate, txini zoaha



Wazolahatya hiyokita halohalotse zezoane ekatyahe.
Hoka fate hikwa enomana.
Nea ihiye.
– Zoana hoka maiha hakakoha hoka hahiyokare, haokita hoka nakolatya nekakohakitsa hitso ite nezoakihita hitso.
Hatyaotseta ekakohakitsene hoka halohalo tyoakota halaitse.
Hoka txini hikwa enomana.
Idyae
– Aliakere hakakoha wazolahatya?
Wazolahatya.
– Maiha ali atyo fate hikwa hoka haokita hoka nakolatya hitso hahiyoka katetya ite nezoakiheta hitso nea nohiye hoka, hatyaotse halaitsa natyo.
Txini.
– Hahalaitsoa hetaite hoka notoheta hitso.
Wazolahatya.
– Mahaya hanitsayaore natyo.
Hoka nikare idyaeta.
Txini mehezaiko tyaonita ene hoka wazolahatya ityaolikwa halaitsoa, hoka matahokotere natse zane konitsa enonita.
Hoka wahehena hoka txini kehezaharetyoaheta. Hoka moheta enatxikinita ikitxi aho.
Hoka iyakare ana hikwa hoka azene.
Txini
_ Maiha wazolahatya ali txiyita?
Iyakere.
– Owa ali txiya imyahotyoa.

Txini mehezaiko tyaonita ene hoka wazolahatya ityaolikwa halaitsoa, hoka matahokotere natse zane konitsa enonita.

Hoka wahehena hoka txini kehezaharetyoaheta. Hoka moheta enatxikinita ikitxi aho.

Hoka iyakare ana hikwa hoka azene.

Txini

_ Maiha wazolahatya ali txiyita?

Iyakere.

– Owa ali txiya imyahotyoa.

Hatyaotseta txini zanehitya ezema, hoka owere hanati ako itsoa wazolahatya.

Hoka txini hakakohena zakore ikitxi hiye otoheta.

Wazolahatya nea.

– Motya tyala txini nokitxi hiye otokita awita, atya tyahare hiyetya hotokita.

Txini halakitsa hazotokala hoka zo nea zane hanati ako.

Wazolahatya nea.

– Namaotseratita Kahane atyo hitso.

Hatyaotseta kali hiye idyae.

– Kali hikazaekohe hoka nozani abazola tsekakalati nakolaheta hoka natsekene hoka wanitsene.

Kali wahaitaene hoka wazolahatya hikwaheta hanati akota.

Wazolahatya, hoka nea.

– Zoare hawahaita?

Kali idyae.

– Maiha txini atyo nawahatya hitso aoka hoka.

Wazolahatya.

– Hiyotse atyore hahikwakatsehena hoka hawahahena natyo.

Hatyaotse wazolahatya hezozotsetya kali, hatyonatse tekwa hitiya.

Hoka mawaheta txini kaokeheta.

Txini.

– Aliyo wazolahatya zane?

Kali.

– Hiyotse atyore hakikwakatsehena hoka hawahahena natyo nea hoka hezozotsetya natyo hoka tekwa.

Hatyaotseta. Txini idyae.

_ Naetsa ite hitso, idikati konite nazawatya hitso, zamani onezaya ite nazawatya hitso.

Kali. Nea.

– Idikati koniya hazawatya natyo hoka mahaya nowainita, hoka onezaya hazawatya natyo hoka nowaini hena rotaya!

Hatyaotseta txini zawatya kali one hokoza zaya.

Kali zane hamaniya hikwaheta hoka idyae txini hiye.

– Ikiyatyo hakeratyare natyo hoka nowaiyatyo.

Hatyaotseta txini temahalitya hokoza, hoka kali hitsoa kamalidyoti koni zane.

1.VAMOS OUVIR A HISTORINHA, NARRADA PELO PROFESSOR ÂNGELO KEZOMAE:

1. A partir da leitura da narrativa *Wazolahatya, fate, txini zoaha*, vamos fazer as atividades abaixo?

a) Agora que você conhece o texto que acabamos de ler, faça um desenho bem bonito dos animais que aparecem na história e coloque o nome de cada um na língua materna.

b) Dos quatro animais da historinha, qual foi o mais esperto? Por quê? Você acha que ele agiu de maneira correta?

c) Vamos conversar com os coleguinhas e escrever o nome dos alimentos que a onça, o macaco, o jabuti e o sapo gostam de comer? Você pode escrever o nome dos alimentos na língua haliti zako.

d) A onça é um animal muito importante na nossa cultura *Haliti*-Paresi. Vamos descobrir por que ela é importante? Que tal conversarmos com os mais velhos?

e) Escolha um dos animais do texto (onça, jabuti, macaco e sapo) e crie uma pequena história para ele, através da oralidade.

f) Que ensinamento a história Wazolahatya, fate, txini zoaha transmite para nós?

2. Você acabou de conhecer quatro animais, personagens da história que acabamos de ler: a onça, o macaco, o jabuti e o sapo. Que tal fazermos uma pesquisa com pessoas da comunidade para sabermos um pouco mais sobre outros animais que vivem no nosso território? Você pode desenhar o animal ou então escrever o nome de cada um deles. Vamos lá? Depois vamos fazer um lindo painel na escola, com os desenhos desses animais e o nome na língua materna.

SUGESTÃO DE LEITURA: "Travessuras do macaco prego". Narrativa publicada no livro Literatura Infantil, de Fernandes e Batista (2022). O desenho da história é de autoria de Pudjakoro Metuktire. Você conheceu a história da onça, do jabuti, do macaco e do sapo. Que tal conhecer outra historinha dos nossos parentes indígenas Kayabi? Ela também traz como personagens o macaco e o jabuti. Será que essa história é parecida com a nossa narrativa? Vamos ler para descobrir?

TRAVESSURAS DO MACACO PREGO



Há muito tempo, na mata do povo Kayabi, havia um animalzinho danado e inteligente, o macaco-prego. Com sua travessura, gostava de fazer malvadeza com os bichos da mata.

Como era pequeno e sapeca, pulava de galho em galho das árvores, brincando o tempo todo, fazendo macaquice.

De longe, o macaco-aranha avistou o macaquinho-prego brincando e fazendo travessuras. Ele elogiou o amigo por ser tão pequenino e, ao mesmo tempo, por ser tão rápido. Então perguntou:

— Ei, amigo macaco-prego, fiquei admirado com sua rapidez! O que você faz para pular tão rápido nos galhos das árvores?

O amigo, danado e doido para enganar o macaco-aranha, respondeu:

— Amigo, eu vou te falar um segredo, mas não vai contar pra ninguém! É porque eu tenho quatro dedos! – falou bem baixinho no ouvido dele.

O macaco-aranha, grande e querendo ficar rápido igual ao amigo, nem pensou. Apoiou a mão na árvore e cortou seu próprio dedo. Em meio a tanta dor, não suportou e se deu mal por pensar que ficaria mais rápido.

O macaquinho-prego, malandro, se escondeu atrás do galho e começou a dar risada, zombando do amigo:

— Ká, ká, ká, ki, ki, ki… Se deu mal!

O macaco-aranha, não tendo mais o que fazer, apenas lamentou e ficou triste por ter sido enganado pelo amigo. Coitado! O macaco-aranha pensou que, ficando com quatro dedos em cada mão, seria mais rápido, mas era mentira do macaquinho-prego. É por isso que o macaco-aranha tem hoje quatro dedos em cada mão.

(Narradores Kayabi – Aldeia Kururuzinho)

3.VAMOS CONVERSAR SOBRE A HISTORINHA QUE ACABAMOS DE LER?

a) E aí, você gostou da história do macaco prego? Você achou certa a atitude dele? Por quê?

b) Você achou que essa história Kayabi é parecida com nossa história Haliti? Que ensinamento ela nos traz?

c) Vamos desenhar os personagens da história? Depois podemos expor os desenhos num belo mural.

OUTRA SUGESTÃO DE LEITURA: “Jabuti sabido e o macaco metido” , da autora Ana Maria Machado.



Fonte: https://www.livrinhosdobrasil.com/products/jabutisabidoemacacometido

A leitura desse livro é interessante, para que os alunos conheçam as histórias de outros autores, de outras culturas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho pedagógico, a partir de narrativas *Haliti*, no processo de ensino e aprendizagem de língua materna, proporcionou novas experiências como pesquisador, novos conhecimentos acerca da importância das histórias, descobrimentos das palavras importantes, histórico para ser escrito e registrado. Foi um trabalho gratificante, porque os alunos também tiveram a oportunidade de ouvir histórias na oralidade também, ouvir a leitura dessas histórias e as brincadeiras, a partir das histórias, a partir do registro escrito feito por mim durante a pesquisa de coleta de dados na minha comunidade da aldeia Kolidiki.

Nesse percurso de pesquisa e de ensino, pude conhecer melhor a realidade da minha comunidade local e, a partir dos saberes e conhecimentos tradicionais do meu povo, descobri palavras dentro das histórias que não conhecia, exploramos a morfologia dessas palavras, que vivem na memória dos anciões e sábios, considerados bibliotecas *Haliti*. Também, pudemos reavivar narrativas, antes adormecidas, por meio da oralidade, e registrá-las através da escrita em livros de historinhas para as crianças.

O material produzido retornará para o espaço escolar, em forma de livrinhos ilustrados, o que contribuirá bastante para o processo de alfabetização e para o ensino de língua materna em nossas escolas indígenas. Nesse percurso de pesquisa e de ensino foi fundamental a colaboração da comunidade, dos anciãos e anciãs, ao contribuírem com seus conhecimentos ancestrais para a produção do produto educacional proposto, ou seja, os quatro livrinhos que trazem as histórias ilustradas. Envolver a comunidade nas atividades da escola é uma forma de valorizarmos nossa educação tradicional e fortalecer nossa educação escolar *Haliti,* uma vez que a oralidade é a base fundamental para o ensino da leitura e da escrita, em língua materna, na escola, portanto, um trabalho coletivo importante e necessário.

Quero dizer que este projeto foi pensado, de acordo com a realidade que vivenciamos na Educação Escolar Indígena Haliti, devido aos poucos registros pedagógicos na língua materna, em nossas escolas e na própria comunidades das aldeias. Também, porque é importante a produção de materiais didáticos por professores e professoras *Haliti* para poder trabalhar e ensinar melhor a realidade do nosso povo, da cultura, território, língua, crenças e tradição.

Por este motivo, minha pesquisa em língua materna *Haliti zako*, sobre nossas narrativas, partindo da oralidade para escrita, com ilustração para as crianças, servirá como material de apoio pedagógico em nossas escolas para trabalhar diferentes assuntos em diferentes

áreas do conhecimento. Ajudará no processo de alfabetização e letramento de nossas crianças, na leitura e escrita, no ensino de língua materna, desde o ensino fundamental I ao II.

Reforço que essa pesquisa, na área de ensino, me proporcionou novas experiências como pesquisador e novos conhecimentos sobre a importância de nossas histórias, pois elas trazem nossos conhecimentos ancestrais, nossa cosmologia, saberes da educação tradicional que dialogam com os saberes escolares.

Nesse processo, nossos alunos e alunas, também, tiveram a oportunidade de ouvir histórias na oralidade e registrado, por meio de desenhos, o que compreenderam a partir da escuta dessas narrativas. Um dos objetivos do trabalho foi explorar os conhecimentos que as narrativas orais nos trazem, mostrando as crianças o quanto esses saberes ancestrais são importantes para a nossa cultura, nossa língua e identidade *Haliti*-Paresi.

Com a pesquisa, contribuirmos, também, para a valorização do currículo Haliti Zako (língua materna) que é eixo principal no qual é trabalhado toda questão de pesquisa e registro sobre a cultura, língua e território, como ensinar os alunos a importância da língua do seu próprio povo, tanto na teoria quanto na prática, respeitando os valores culturais.

Notamos que a *haliti zako* (língua materna) do nosso povo é dinâmica, com mudanças de natureza que no futuro poderão ser notados pelos pesquisadores *Haliti,* a partir das gramáticas antigas para as atuais. Digo isso, porque o registro de algumas palavras da pesquisa em breve não existirão mais. Então esse registro contribui historicamente para meu povo e, também, para a Educação Escolar *Haliti* que poderá fortalecer outras pesquisas das palavras sobre a ortografia da língua, um dos desafios para o ensino da língua materna em nossas escolas.

Outra questão importante e que me fez refletir durante minha pesquisa é que o ensino de língua materna precisa partir da realidade de nosso povo, que vive de muitos conhecimentos e saberes tradicionais. Assim é importante explorar, registrar e melhor sistematizar esses conhecimentos que poderão servir como fonte de pesquisa e material didático para as nossas escolas.

6 REFERÊNCIAS

ANDRÈ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 9. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1998**. Brasília, 1997.

BRASIL. **Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar**. Brasília: MEC/ SEF/DPEF, 1994.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

FERNANDES, Dulcilene Rodrigues. BATISTA, Isaías Munis. **Literatura Infantil.** Cuiabá, VT Print, 2022.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Metodologia de Pesquisa Educacional**: pedagogia intercultural. |Cuiabá: VT Print Gráfica, 2020.

FREIRE, Paulo. Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena. In: Assembleia do Conselho Indigenista Missionário. Anais […]. Cuiabá: Cimi, 1982. p. 115-151.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 1999.

FREIRE. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Munduruku**,** Daniel. **Mitos indígenas para crianças. (2026)** Disponível em: https://www.contioutra.com/mitos-indigenas-para-criancas-daniel munduruku/#goog_rewarded Acesso: 23/05/2025

KEZONAZOKERO, Tereza Cristina. **O ensino da língua materna na escola da aldeia Rio Verde:** preservação e fortalecimento. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Barra do Bugres. 2016

NAZOKEMAI, Pedro & PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. Arquitetura Indígena Hati: a casa Haliti Paresi. In: **Revista de Comunicação Científica**-RCC, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, p. 73-79, 2021. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index

NAZOKEMAI, Pedro. **Arquitetura hati dos Haliti:** atividades lúdicas na comunidade como forma de valorização da cultura. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Contexto Indígena Intercultural. Unemat. Barra do Bugres-MT, 2022.

PARESI, Edicleia. **A liderança de Daniel Matenho Cabixi e João Arrezomae**: contribuições para a formação continuada de professores Haliti-Paresi. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Contexto Indígena Intercultural. Unemat. Barra do Bugres-MT, 2023.

SILVA, Glauber Romling da. **Livro de narrativas Paresi-Haliti**. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2014.

ZEZOKIWARE, JURANDIR. Narrativas orais em sala de aula: a história e o canto de Kokotero. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Contexto Indígena Intercultural. Unemat. Barra do Bugres-MT, 2024.

6.1 *OTYAHATIYENAE HALITI* (MESTRES *HALITI*)

KEZOMAE, Ângelo. **Zanekwarenae zaka**. (Narrativa Oral)Território Indígena *Haliti-Paresi*, aldeia Kolidiki. Tangará da Serra-MT, 2023.

KEZOMAE, Ângelo. **Txini wazolahatya zoaha zaka**. (Narrativa Oral).Território Indígena *Haliti-Paresi*, aldeia Kolidiki. Tangará da Serra-MT, 2023.

KEZOMAE, Ângelo. **Hoze zekohatsehare zaka**. (Narrativa Oral)Território Indígena *Haliti-Paresi*, aldeia Kolidiki. Tangará da Serra-MT, 2023.

NEZOKIE, Maurinho.(Pajé) **Significado das histórias *Haliti* para as crianças**. (Narrativa Oral) Território Indígena Haliti-Paresi, aldeia Kolidiki. Tangará da Serra-MT, 2023.

ZANEZOKERO, Rosangela. **One Morehenere zowakiya zoimahaloti zaka**.(Narrativa Oral) Território Indígena Haliti-Paresi, aldeia Kolidiki. Tangará da Serra-MT, 2023.

KAIZOKERO, Rita. **Significado das histórias Haliti para as crianças e experiencia vivenciada**. Território Indígena Haliti-Paresi, aldeia Kolidiki. Tangará da Serra-MT, 2023.

APÊNDICES

GLOSSÁRIO *HALITI ZAKO*

Alatae: pitomba
Awaikehalakatya: explicando
Eheno aho: porto de cima
Ehohitsakwane tahi: resumo
Ekatyaheze aho: porto de baixo
Eketa: química
Enikilini: espuma da mandioca
Enoharetse nolone: bebida de Deus
Enomaniyere/Kozarene: subgrupo
Etolokahokotyaka: biju
Fetalati: matemática
Halaitsoati: pular
Haliti zako: língua materna
Haliti: gente
Halitinã: muita de gente
Haomane: feito por ele
Hati atxikwalidyo: casa tradicional
Hotxikwatidyo: menina moça
Hoze: porco do mato
Inityohaliti/inityohaloti: anciãos(ãs)
Iyamaka: flauta sagrada
Jikonahati: cabeça bol
Katyola: bacava
Kawenanezenae: biologia
Kayaretyati: batizado (nominação)
Kazalo: mandioca aguado
Kazaloza: líquido da mandioca aguado
Kolaliye: geografia
Koma: curriola
Kore katse: varinha de taquara do campo

Kotaza: esteio do meio da hati
Kotitidyo: goiabinha do campo
Malamalali Kohinyaho: local de travessia do rio
Malamalali: casa feita de palha de palmeirinha do mato
Manakata: gaupeva peluda
Matokoliddyo: trança
More: dilúvio
Natxikini: depois
Oloniti: chicha
Omati: arte
One: água/chuva
Otyahatiyenae Haliti: mestres *Haliti*
Tabikwalo warekwahone: rio de Tabikwalo
Tahi: sobre
Taholoe: marmeladinha
Tahore: marmelo
Tidimore: jogo de boliche
Tohiniyo: guabiroba
Tomotomolidyo*:* raiz redondo
Towakaihore: rei de trançados das peneiras
Tsakolidihotse: formato de cilindro da parte do caule de bocaiúva
Tsakore: bocaiúva
Tsakoredi: fruta Redondo de bocaiúva
Tsakorehana: folha de bocaiúva
Tsakorehe: pó de bocaiúva
Tsakorekate: pé de bocaiúva
Tsakorekatse: caule de bocaiúva
Tsakorekwa: um lugar plano
Tsakorenewe: espinho de bocaiúva
Tsakoretse: semente de bocaiúva
Tsakoretyatya: casca de bocaiúva
Tsakorewinya: nascente

Tsakoreza: suco ou líquido de bocaiúva
Txidyare Hohatahi: município de Tangará da Serra-MT
Txifyatxi: jabuticaba
Txihali: besouro
Txini: onça
Waikyohe Fetalakwa Haliti: Terra Indígena Haliti-Paresi
Waitsalatyako: dentro da cabaninha de palha de palmeira
Waiyoliniti wikwoamaniyere: saberes tradicionais
Waiyoliniti: ciências da natureza
Walotse: bicuíba
Wazolahatya: jabuti
Weye warekwahone: rio do nosso pai
Zaka: melodia
Zakaihakere: história
Zamata: carregador de bebê
Zanekwarenae: os caçadores
Zaotyakiye: professor
Zekohatsehare: dono
Zero: flauta
Zoaha: e
Zohitya: cajuzinho
Zoimahaloti: moça
Zokozokotse: formiguinha
Zolane: dança
Zowakiya: era
Zozoiterô: nome de uma menina moça

PRODUTO EDUCACIONAL

Hotxikwatidyo zaka



Lino Zokenazokae

Ilustração

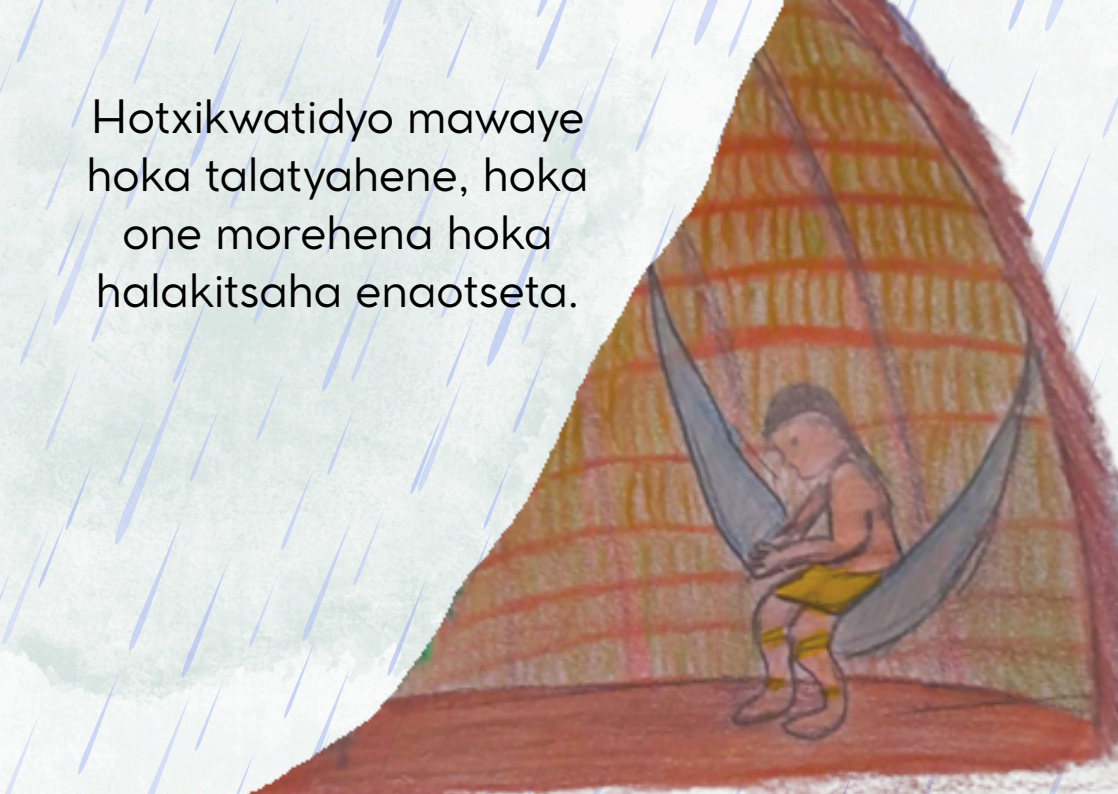
Gabriel Zokizakaece

Autor

Lino Zokenazokae,

História narrada por Rosângela Zanezokero

Hotxikwatidyo mawaye hoka talatyahene, hoka one morehena hoka halakitsaha enaotseta.





Tekwaha hoka hotxikwatidyo enaotseta waitsalaniti akota. Tyolore henetse zaneha, tsakoretse niyatse tyoanaha hiyokahitaha.



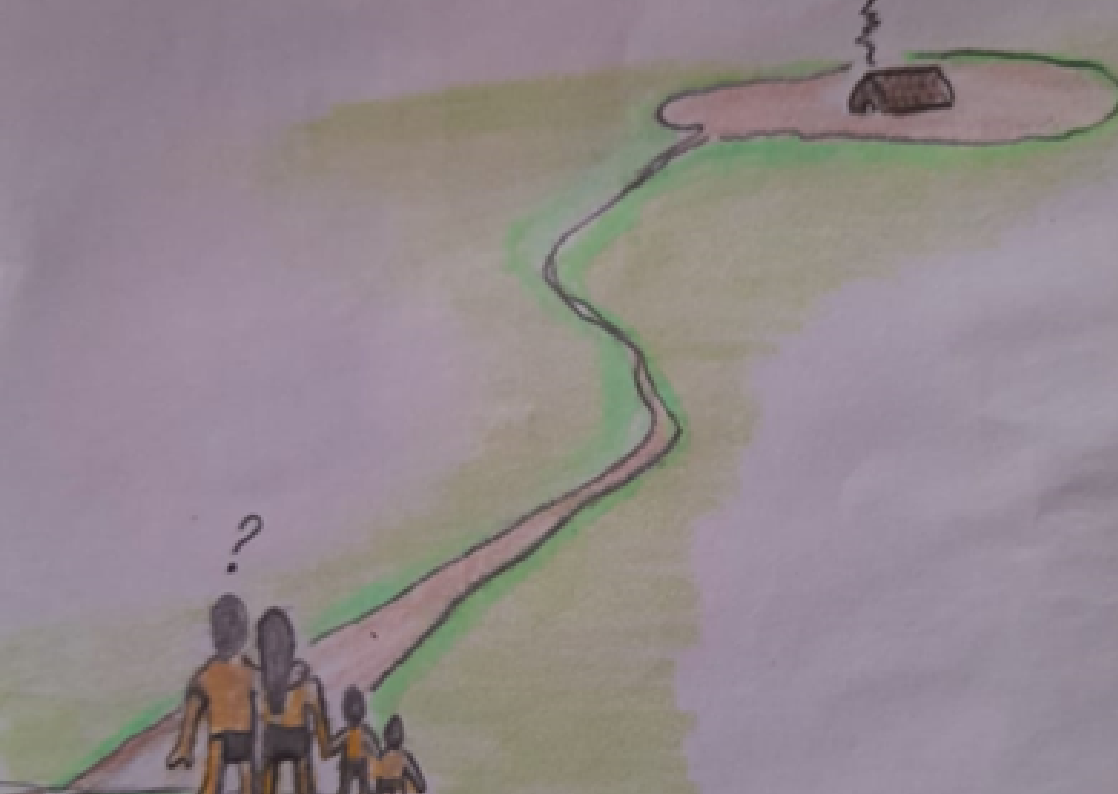
Tyolore henetse zaneha, tsakoretse niyatse tyoanaha hiyokahitaha.



Hotxikwatidyo tiyita hoka.
Kotaza harewaikate kaotyaka enomana edyae ihiye:
— Awatyo hitiyano nozai! Alatyaite hakalone nerakolita natyo hoka nokanalyaotse hihiye.



Matxiholatya kotazamena hoka hatyo ako txihotene.



One more, hoka waha tyoanaha, hoka iyo akeheta, hoka ezohenahitaha. Zane henahitaha, hoka, waiyehena atyo owene ehanaha tximalita.

_ Zoana ala hoka?



Zane kaokehena hitehenaha atyo owene hotxikwatidyo tyaonita, waiye hitsakotyakere, olonititi kakware. Hotxikwatidyo tyotya haneye,hanityo hiye zakae tyaonehenerenae.

Escaneie o QrCode e ouça a história





Meu nome é Lino Zokenazokae, graduado em Pedagogia. Sou Haliti-Paresi, do subgrupo Enomaniyere/Kozarene. Sou falante da língua Haliti da família Aruak. Atualmente sou professor nos anos iniciais na escola da aldeia Kolidiki, onde resido.



Meu nome é Gabriel Zokizakaece, comecei a desenhar na época da pandemia, quando ficamos em isolamento na aldeia. Já participei de concurso de desenho, no município de Tangará da Serra-MT, ficando em primeiro lugar.

Wazolahatya, fate, txini zoaha

Lino Zokenazokae



Wazolahatya hiyokita halohalotse zezoane ekatyahe.



Hoka fate hikwa enomana,nea ihiye:
— Zoana hoka maiha hakakoha hoka hahiyokare? Haokita hoka nakolatya nekakohakitsa hitso ite nezoakihita hitso.



Hatyaotseta ekakohakitsene hoka halohalo tyoakota halaitsene.



Hoka txini hikwa enomana. Idyae:

— Aliakere hakakoha wazolahatya?

Wazolahatya:

— Maiha ali atyo fate hikwa hoka, haokita hoka, nakolatya hitso hahiyoka katetya ite nezoakiheta hitso nea nohiye. Hoka hatyaotse halaitsa natyo.



Txini:

— Hahalaitsoa heta ite hoka notoheta hitso!

Wazolahatya:

— Mahaya hanitsayaore natyo! Hoka nikare idyaeta.



Txini mehezaiko tyaonita ene hoka wazolahatya ityaolikwa halaitsoa, hoka matahokotere natse zane konitsa enonita.



Hoka wahehena hoka txini kehezaharetyoa heta.
Hoka moheta enatxikinita ikitxi aho.



Hoka iyakare ana hikwa hoka azene.

Txini:

_ Maiha wazolahatya ali txiyita?

Iyakere:

— Owa ali txiya imyahotyoa.





Hatyaotseta txini zanehitya ezema, hoka owere hanati ako itsoa wazolahatya. Hoka txini hakakohena zakore ikitxi hiye otoheta.

Wazolahatya nea:

— Motya tyala txini nokitxi hiye otokita awita, atya tyahare hiyetya hotokita!

Txini halakitsa hazotokala hoka zo nea zane hanati ako.

Wazolahatya nea:

— Namaotseratita Kahane atyo hitso.



Hatyaotseta kali hiye idyae:
— Kali hikazaekohe hoka nozani abazola tsekakalati nakolaheta hoka natsekene hoka wanitsene.



Kali wahaitaene hoka wazolahatya hikwaheta hanati akota.

Wazolahatya, hoka nea:

— Zoare hawahaita?

Kali idyae:

— Maiha txini atyo nawahatya hitso aoka hoka.

Wazolahatya:

— Hiyotse atyore hahikwakatsehena hoka hawahahena natyo.





Hatyaotse wazolahatya hezozotsetya kali,
hatyonatse tekwa hitiya.



Hoka mawaheta txini kaokeheta.

Txini: — Aliyo wazolahatya zane?

Kali ekwazatya:

— Hiyotse atyore hakikwakatsehena hoka hawahahena natyo nea hoka hezozotsetya natyo hoka tekwa.





Hatyaotseta Txini idyae:

- Naetsa ite hitso, idikati konite nazawatya hitso, zamani onezaya ite nazawatya hitso.

Kali Nea.

_ Idikati koniya hazawatya natyo hoka mahaya nowainita, hoka onezaya hazawatya natyo hoka nowaini hena rotaya!



Hatyaotseta txini zawatya kali one hokoza zaya. Kali zane hamaniya hikwaheta hoka idyae txini hiye:

_Ikiyatyo hakeratyare natyo hoka nowaiyatyo!




Hatyaotseta txini
temahalitya hokoza, hoka
kali hitsoa kamalidyoti koni
zane

Escaneie o QrCode e ouça a história





Meu nome é Lino Zokenazokae, graduado em Pedagogia. Sou Haliti-Paresi, do subgrupo Enomaniyere/Kozarene. Sou falante da língua Haliti da família Aruak. Atualmente sou professor nos anos iniciais na escola da aldeia Kolidiki, onde resido.



Meu nome é Gabriel Zokizakaece, comecei a desenhar na época da pandemia, quando ficamos em isolamento na aldeia. Já participei de concurso de desenho, no município de Tangará da Serra-MT, ficando em primeiro lugar.

LINO
ZOKENAZOKAE

ZANEKWARE HOZE ZEKOHATSEHARE ZOAHA



Ilustração

Gabriel Zokizakaece

ZANEKWARE HOZE ZEKOHATSEHARE ZOAHA

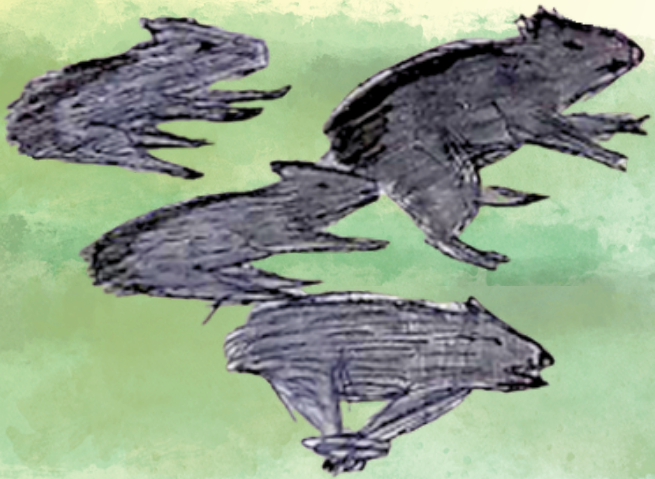
LINO ZOKENAZOKAE

Hoze ala aitxita hoka mamilitxita taita, imili waiyakahare taita aitxita, zane kamaitali aitsa hoka halaitsa. Kahare atyola haitsa hoka halaitxitene mamilihare taita,imili taita atyo kolaita.





Hatyaotseta, kahare aitsa, hazaokala kahare haitsa hoka halaitxitene mamilihare taita, imili taita atyo kolaita.



Hatyaotseta ala kahare aitsa, hazaokala zakore ala kahare aitxita hoka maiha ala kolatya aokowita.

.





Hoka hoze ezekohatse ala hikwoa enomana. idyae ihiye:
- Maiha tyotya ite hakolate!



Ezotse haotita ityokatsetse henene, hamili akota ala kaitsetene hoka ekokitsene.



Ekokitsene, zanetaine ala hoka timenehena ala ihiye hoka zawatene.



Hatyaotseta, eharekwaita ene ala. Hoka ezekohatsehare ala zane hikwa hetehitia enomana.

- Maha hiyaokalatya haitxitene hakolatene mahetatyala kahare haitxita!



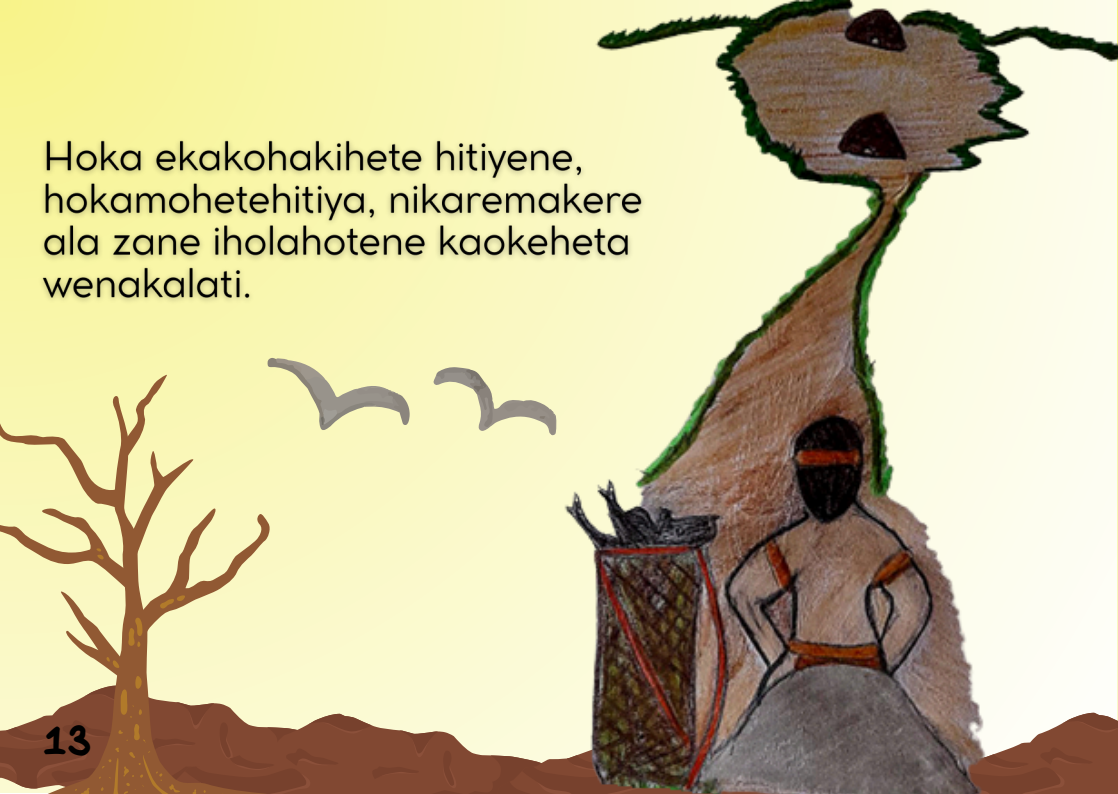
Hoka kaitsehete hitiyene tyala enomana emili ako hoka moka, moka, maiha ala tsekotseta timene hitiya hiye, kawerahare kwatya.



Hoka ezekohatse hikwahetehitiya enomana, ihorehekwatene:
- Hiyaokalaore nohali haitxita hamamilitxita hiwakatseheta.
Hakolatene hanitsene mahetatyala haitxitene?



Hoka ekakohakihete hitiyene, hokamohetehitiya, nikaremakere ala zane iholahotene kaokeheta wenakalati.



Escaneie o QrCode e ouça a história





Meu nome é Lino Zokenazokae, graduado em Pedagogia. Sou Haliti-Paresi, do subgrupo Enomaniyere/Kozarene. Sou falante da língua Haliti da família Aruak. Atualmente sou professor nos anos iniciais na escola da aldeia Kolidiki, onde resido.



Meu nome é Gabriel Zokizakaece, comecei a desenhar na época da pandemia, quando ficamos em isolamento na aldeia. Já participei de concurso de desenho, no município de Tangará da Serra-MT, ficando em primeiro lugar.



Zanekwarenae



Lino Zokenazokae

Ilustrações

Gabriel Zokizakaece

Autor

Lino Zokenazokae



Zanekwarenae zane hoze aitsa minita, aitsaha mene ahitaha hoka mamelitsahitaha.



Hoka nikare ala tyaonahitaha, hahotyali zane zohahita, hatyotare hotyalinae ala zanehitiya hoka tsemaha zakore ala hoka tseko akiyala kawitxita:

_ Ehooo!





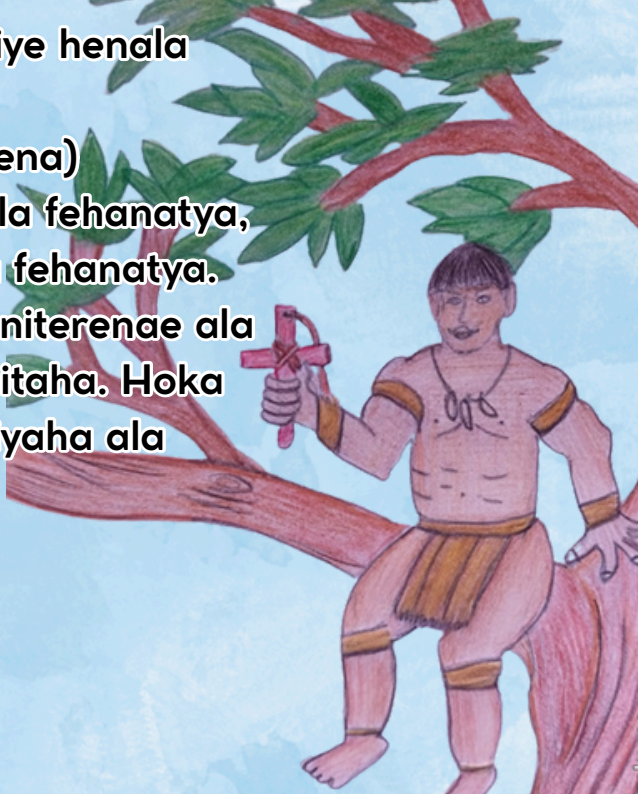
Mehezaikola zanekware toli hatawane hiye tyaonahita txihaetaha, Hatyala kahenehena mokita hoka eno akiya kakoha, Kakohala hoka tsemazakore hoka:
_ Ohooooo!

Ekakoita ala ehareha hiye henala tyoita kawitxita:

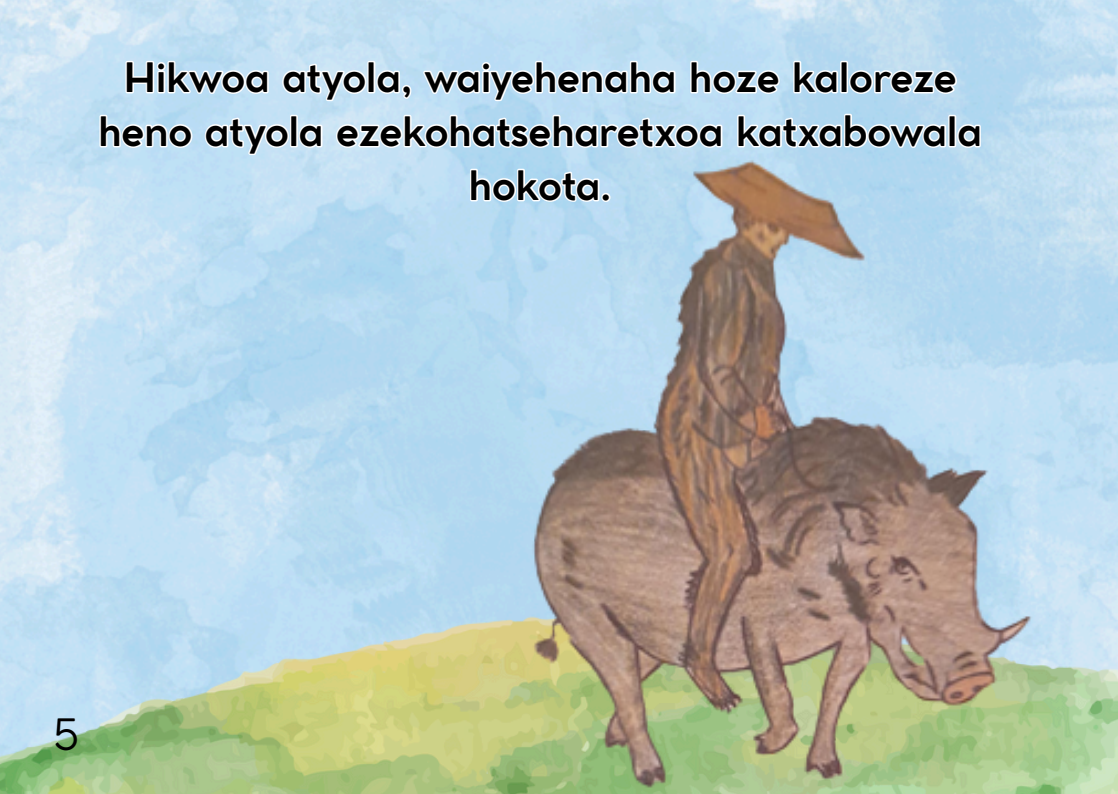
_ Ohooooo! (Ezaolitikihena)

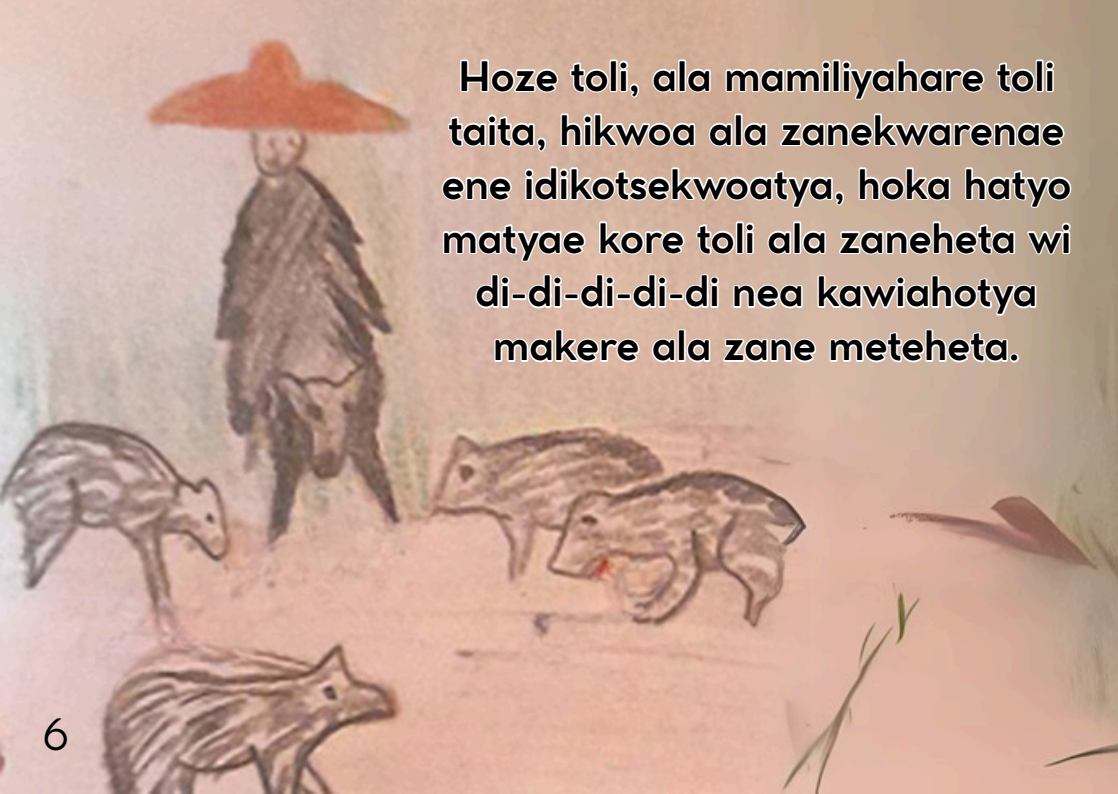
Hatyo eno kakohitere ala fehanatya, hakrotxinitse iyala hoka fehanatya. Hoka atyo waikwa tyaoniterenae ala mehezaekyoha tyaonahitaha. Hoka tsemehenaha atyo ehaliyaha ala kawitsa.

_ Ehooooooo



Hikwoa atyola, waiyehenaha hoze kaloreze heno atyola ezekohatseharetxoa katxabowala hokota.





Hoze toli, ala mamiliyahare toli taita, hikwoa ala zanekwarenae ene idikotsekwoatya, hoka hatyo matyae kore toli ala zaneheta wi di-di-di-di-di nea kawiahotya makere ala zane meteheta.

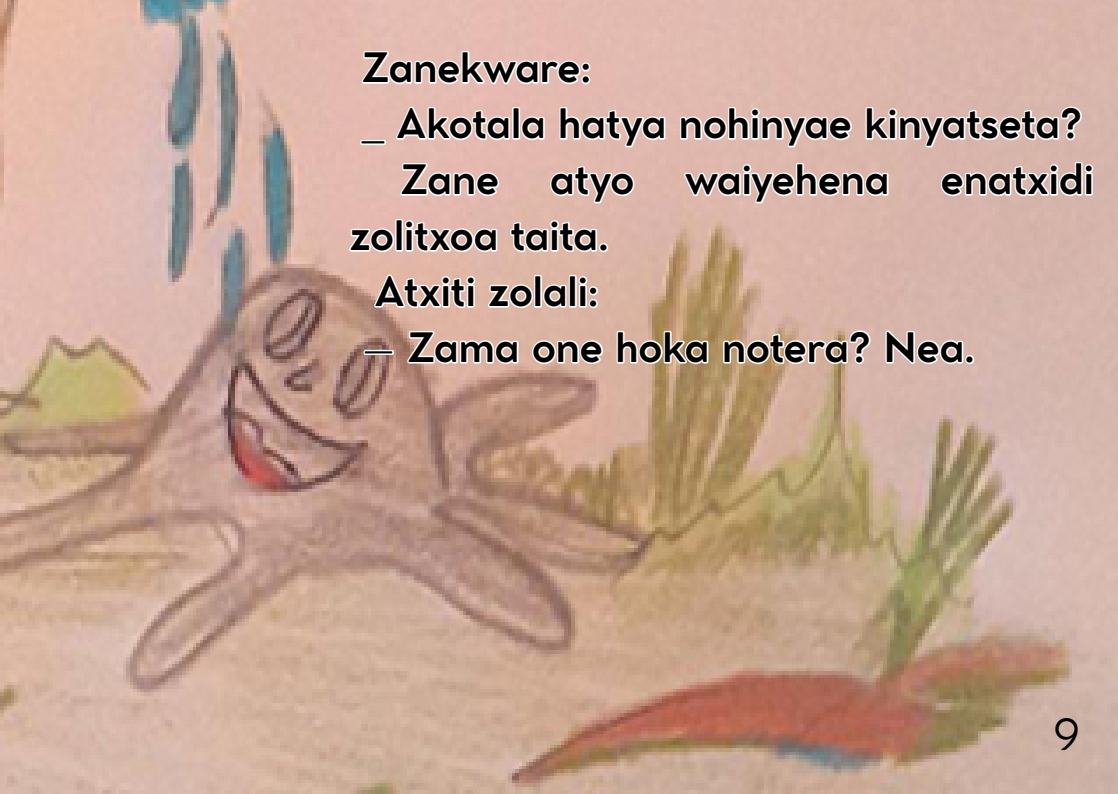
Hatyaotseta ala zaneheta natxikini ala fehanatya.
_Waiye ite ferakwoa hoka nozaniheta, hoka fehanatyala ferakwoa!



Ferakwoa ala hoka haitatse aoliheta hoka mohetehena zakore ala, hatya idyae:

- Hatyahaidya natyo nea!





Zanekware:

_ Akotala hatya nohinyae kinyatseta?

Zane atyo waiyehena enatxidi zolitxoa taita.

Atxiti zolali:

_ Zama one hoka notera? Nea.



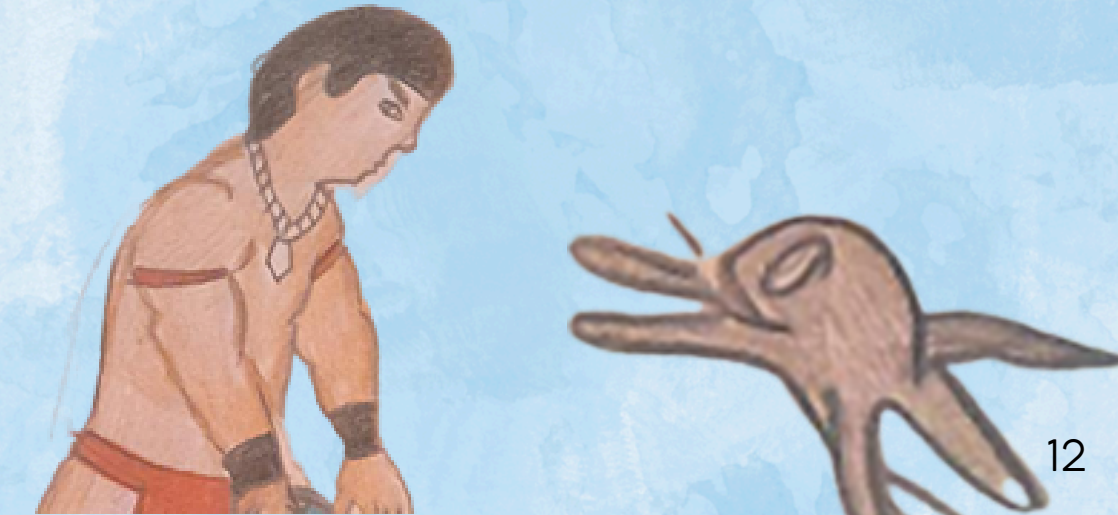
Hoka one tahiyatse tala tyaonita hoka zane one kolatya, hoka ehaikya zolalitsene.

Atxiti zolali:
— Zama one hoka notera ?
Nehitia ala hoka aihalitsene.



Zanekware:

_ Motya hikakanatseze ene, hikyaharewaikateze ene one hitsera haokowita.



Nehena zakore, ehokatetene balai, balai. Kala onezatse haliyazatseta hoka one ala halaitsohena zakore, onejitala ezoa atxihiti kyawane, onezere tyaona.



Zanekware kaokeheta tyotya hatyo ezanityonaha hiye zakaehakatya.



Zanekware eakere witsaona zezanenenae atyo kanikaka hoze zekohatsehare atyo nitsahene hoka nowawi atyo nokaokiheta.

Ezanityonae hiye taita hoka waini hitiya.



Escaneie o QrCode e ouça a história





Meu nome é Lino Zokenazokae, graduado em Pedagogia. Sou Haliti-Paresi, do subgrupo Enomaniyere/Kozarene. Sou falante da língua Haliti da família Aruak. Atualmente sou professor nos anos iniciais na escola da aldeia Kolidiki, onde resido.



Meu nome é Gabriel Zokizakaece, comecei a desenhar na época da pandemia, quando ficamos em isolamento na aldeia. Já participei de concurso de desenho, no município de Tangará da Serra-MT, ficando em primeiro lugar.


Zanekwarenae